SÃO PAULO FC

Nº 10 R$ 6,90

GRÁTIS PÔSTER GIGANTE

ROGÉRIO CENI
GOLEIRO ADMITE QUE QUASE ABANDONOU O FUTEBOL

TELÊ SANTANA
EX-JOGADORES CONTAM CAUSOS DO MESTRE SÃO-PAULINO

TÂNIA KALIL
BELA ATRIZ DA TV GLOBO É A MUSA DA VEZ

Panini Magazines

REVISTA OFICIAL SÃO PAULO FC

CABEÇA FEITA

ADRIANO RECUPERA BOA FASE, JUÍZO E VIRA ARTILHEIRO TAMBÉM NAS BOLAS AÉREAS

E MAIS:

WILLIAM BONNER JURA PAIXÃO AO TRICOLOR

ÁLBUM DE FAMÍLIA COM ANDRÉ DIAS

CONHEÇA A HISTÓRIA DE AZAMBUJA

DÉCADA DE 40 FOI DOURADA PARA O CLUBE

7 897653 508419 10

OFICIAL UEFA EURO2008™ LIVRO ILUSTRADO

MF5

COLECIONE!

LIVRO ILUSTRADO OFICIAL

AÇÃO, PAIXÃO, FUTEBOL!

UEFA
EURO2008
Austria-Switzerland

Manufactured under licence by
PANINI
www.panini.com.br

Manufactured under licence by
PANINI
www.panini.com.br

The UEFA word, the UEFA EURO 2008™ Official Logo, the Official Mascots and the UEFA European Football Championship™ Trophy are protected by trademarks and copyright. All rights reserved.

euro2008.com

UEFA EURO2008 Austria-Switzerland

Official Licensed Product

JÁ NAS BANCAS!

EDITORIAL

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

FOTO: Orlando Kissner / VIPCOMM

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

FOTO: Diogo Oliveira

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

No futebol, a camisa 10 costuma ser reservada para os craques. Seguindo a tradição do número, a **Revista Oficial do São Paulo** chega a sua 10ª edição recheada de craques. A grande fase de Adriano é o assunto de capa. O Imperador mostrou que a passagem no Morumbi fez muito bem para sua cabeça, usada agora também para marcar gols – até desembarcar no Tricolor, no fim do ano passado, ele quase não tinha gols de cabeça na carreira.

A revista apresenta uma entrevista especial com Rogério Ceni, herói no clube há mais de uma década. O goleiro revela que pensou em desistir do sonho de ser jogador profissional em 1991, após uma temporada inteira no banco de reservas dos juniores. Não fosse seu pai e talvez o São Paulo teria perdido o maior camisa 1 de sua história.

Nas próximas páginas você ainda terá a oportunidade de descobrir que o jornalista William Bonner está entre os mais fanáticos torcedores do Tricolor. O apresentador do Jornal Nacional lembra de passagens marcantes de sua vida como são-paulino, conta como lida com os torcedores rivais e aponta o time do Morumbi como exemplo de uma instituição séria.

Pensa que acabou? Uma matéria saborosa dos causos do ranzinza, pragmático, talentoso e supercampeão Telê Santana é a homenagem da revista ao treinador. A musa da 10ª edição é a atriz global Tania Kalil.

Boa leitura e saudações tricolores!

Capa: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

REVISTA OFICIAL
SÃO PAULO FC

Presidente da Diretoria Executiva
Juvenal Juvêncio
Presidente do Conselho Deliberativo
Ademar de Barros
Presidente do Conselho Consultivo
José Augusto Bastos Neto
Presidente do Conselho Fiscal
João Hercilio Bastos de Paula Eduardo

Número 10 – Junho de 2008

panini magazines

PANINI BRASIL LTDA.
Diretor-Presidente
José Eduardo Severo Martins

Diretor-Administrativo e Financeiro
Roberto Augusto Bezerra

Diretor de Operações e Editorial
Ivam Ataide Faria

Diretor Comercial e Marketing
Marcio Borges

Analista de Marketing
Marcelo Adriano da Silva

Consultora de Assinaturas
Luciana Takamura

Assessor Técnico de Futebol
Vilson Manfrinati

Publicidade
Hit Publish – Tel: (11) 5507-5775
Executiva de Contas: Vivian Lanna
comercial@hitpublish.com.br

Assessoria de Comunicação:
imprensa.panini@litera.com.br

PRODUÇÃO EDITORIAL
MYTHOS EDITORA LTDA.
Diretores
Dorival Vitor Lopes
Helcio de Carvalho
Franco de Rosa

REDAÇÃO
Redator-Chefe
Jorge Rodrigues

Editor de Arte
Celso Pimentel

FOTOS
Diogo Oliveira, Bruno Miani, Gaspar Nóbrega, Wander Roberto (VIPCOMM), Paulo Fasanella

Arte
Manohead, Germana C. Viana

Coordenador de Produção
Caio Márcio D. Lopes

Revisão
Rodrigo Cozzato

Jornalista Responsável
Franco de Rosa - MTB 15794

IMPRESSÃO
Esta publicação foi impressa pela Gráfica Ediouro

DISTRIBUIDOR NACIONAL
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.

REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO é uma publicação mensal da Panini Brasil Ltda. **Administração e Publicidade:** Alameda Juari, 560 – Centro Empresarial Tamboré – CEP 06460-090 – Barueri – SP – Brasil. **Redação e Correspondência:** Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 753 – São Paulo – SP – Brasil. CEP 05458-001. Fone/fax: (11) 3021-6607. Junho/2008. © 2008 Panini Brasil Ltda. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer artigo ou imagem desta obra sem a autorização por escrito dos editores.

www.panini.com.br

FOTO: Arquivo Pessoal

ÁLBUM DE FAMÍLIA 21

FOTO: Diogo Oliveira

I LOVE SP 26

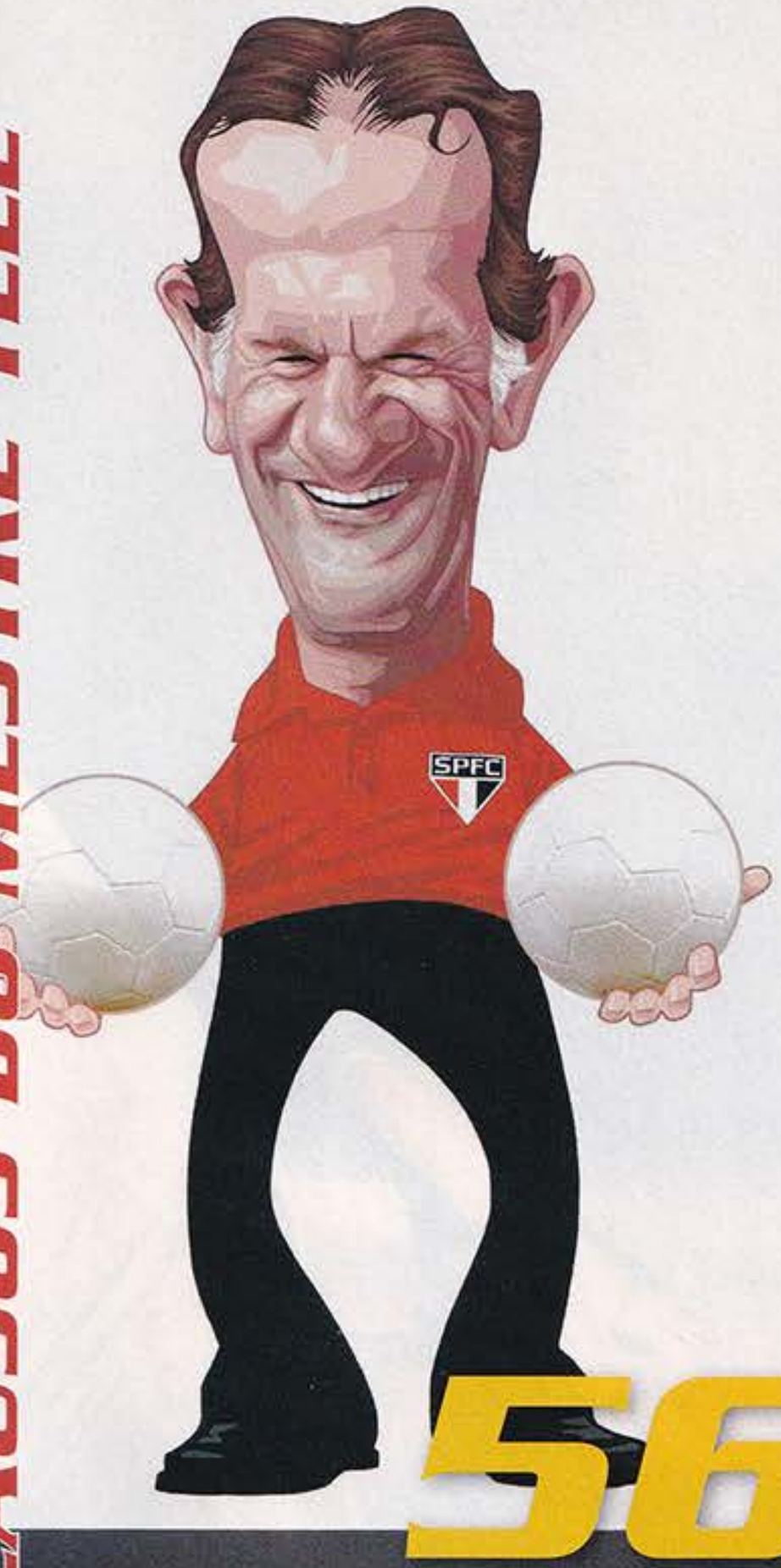
FOTO: Ivo Levy

TÂNIA KALIL 31

FOTO: Diogo Oliveira

BATE-BOLA 44

12 - AGENDA
14 - JOGO RÁPIDO
24 - CARLINHOS NEVES
35 - SUL-AFRICANO TRICOLOR
42 - PAPARAZZI
48 - CANTO DO NANDO
49 - PAPO COM O PRESIDENTE
50 - POR ONDE ANDA
54 - GALERA
60 - ANOS DE GLÓRIA
62 - SP VIP
64 - PAULO PLANET
66 - PALAVRA DE TREINADOR
67 - VIDA EM CLUBE
68 - TABELÃO
70 - SHOPPING
72 - PAINEL DO TORCEDOR
74 - HUMOR



CAUSOS DO MESTRE TELÊ

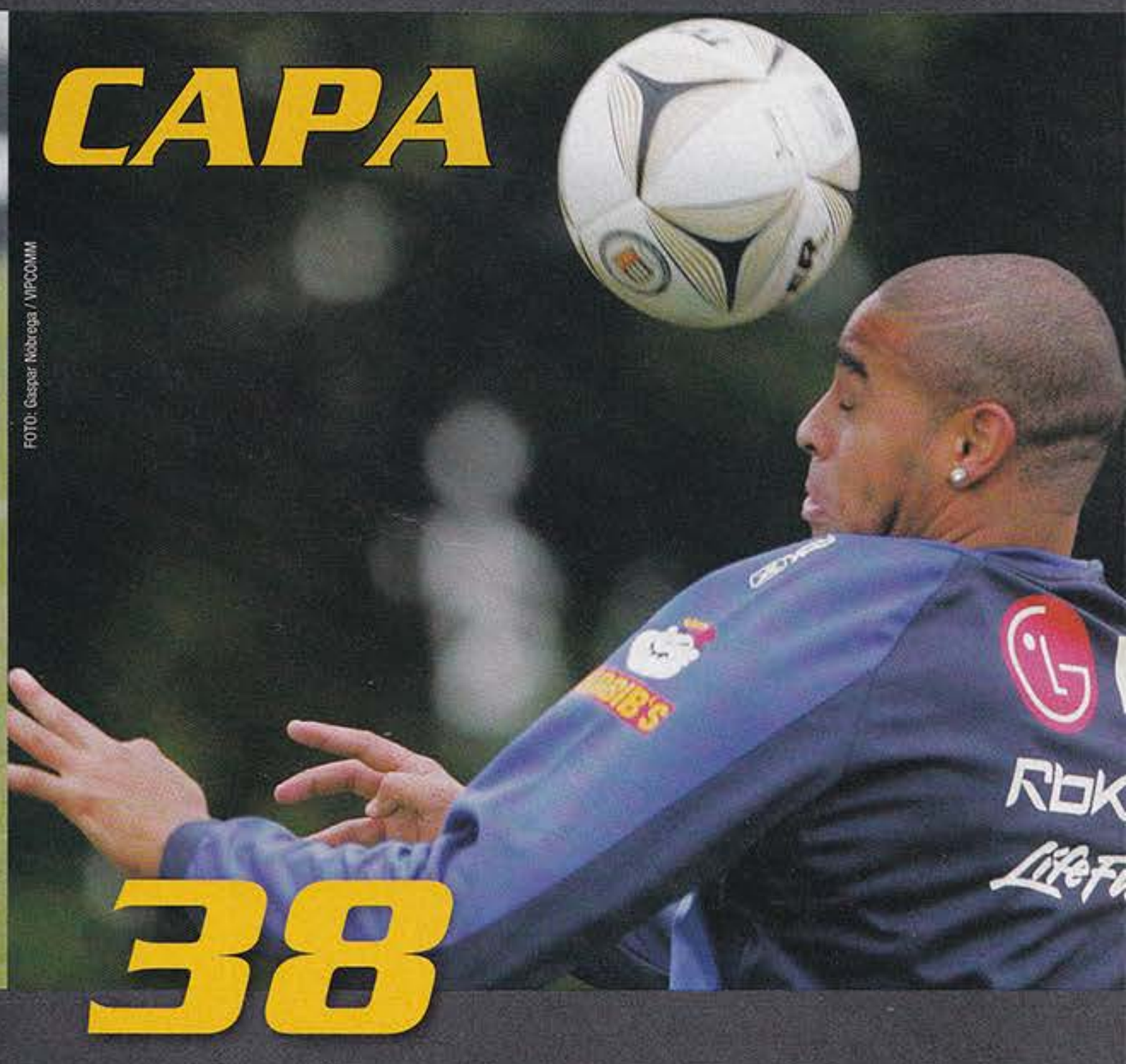
FOTO: Divulgação

56

PLANETA FUTEBOL

FOTO: Diogo Oliveira

18



CAPA

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

38

Foto: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

CADÊ O CARTÃO, SEU JUIZ?

Em partida inspirada, na qual acabou com jejum de sete meses sem marcar gols, o atacante Dagoberto só foi parado pelos jogadores do Nacional, do Uruguai, na base da falta, pela Libertadores da América

JÁ VAI?

A faixa de capitão e o fato de jogar no meio-de-campo fizeram bem para Júnior, que arrebentou na partida contra o Atlético-PR, para desespero do volante Valencia, driblado de forma desconcertante

FOTO: Orlando Kissner / VIPCOMM

SPFC
FAST
LG
MIZUNO

Banrisul
Banrisul

CINCO CONTRA UM

Que o zagueiro Alex Silva preocupa qualquer adversário na bola parada, não há dúvida. Mas o Grêmio exagerou na dose e deslocou quatro jogadores e o goleiro para brecar a subida do Pirulo no Brasileiro

Foto: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

JUNHO

21
SÁBADO

SÃO PAULO
X
SPORT
18h10
Morumbi

O Sport foi uma das vítimas prediletas de Rogério Ceni no ano passado. O goleiro artilheiro do Tricolor marcou gol na vitória por 3 a 1 no Morumbi e no triunfo por 2 a 1 na Ilha do Retiro, durante o Brasileirão de 2007. O time pernambucano voltava à divisão de elite do futebol nacional depois de cinco temporadas na Série B

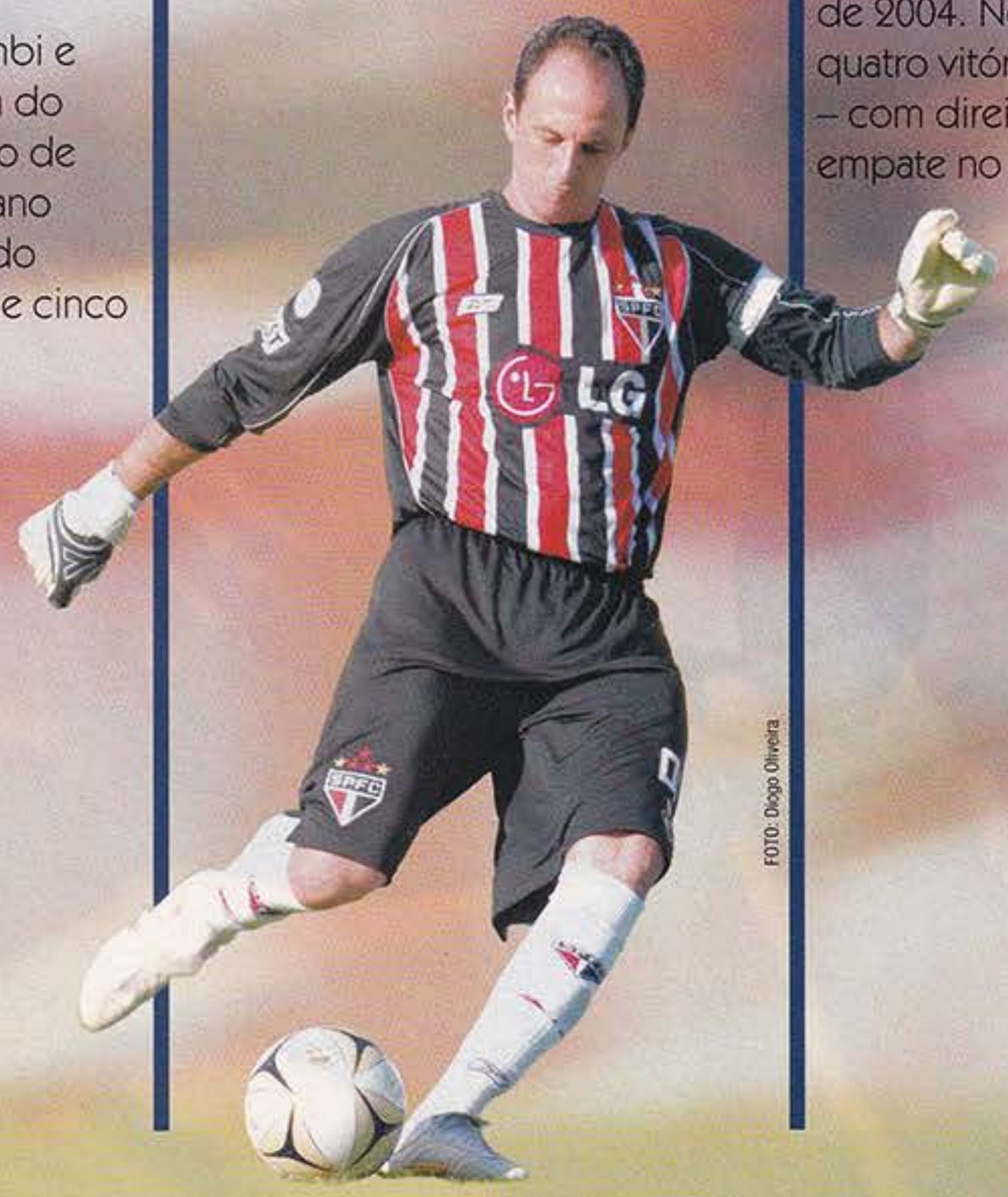


FOTO: Diogo Oliveira

29
DOMINGO

CRUZEIRO
X
SÃO PAULO
16h
Mineirão, em Belo Horizonte (MG)

O Tricolor defende nesta tarde uma invencibilidade de sete jogos diante do Cruzeiro em jogos do Brasileirão. A última derrota para a Raposa ocorreu no longínquo dia 23 de maio de 2004. Neste período, são quatro vitórias e três empates – com direito a duas vitórias e um empate no Mineirão

JULHO

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

6 DOMINGO

SÃO PAULO X IPATINGA

18h10

Morumbi

O Tricolor encontra pela primeira vez em sua história o Ipatinga, clube mineiro fundado em 1998 e que faz a estréia na primeira divisão nacional neste ano. O Tigre, como é conhecido, não conta com ex-atletas do São Paulo e promete atenção especial com o meia Jorge Wagner, cérebro dos donos da casa

9 QUARTA-FEIRA

NÁUTICO X SÃO PAULO

21h45

Aflitos, em Recife (PE)

O confronto com o Náutico no estádio dos Aflitos é especial para Muricy Ramalho. O treinador são-paulino já esteve do outro lado e conta com o enorme carinho do torcedor do Timbu, devido ao bicampeonato estadual conquistado em 2001 e 2002. É comum ver o público dos Aflitos pedindo autógrafos ao comandante são-paulino

13 DOMINGO

SÃO PAULO X PALMEIRAS

16h

Morumbi

O clássico com o Palmeiras reserva uma dificuldade a mais do que simplesmente enfrentar o campeão paulista. Nesta tarde, o Tricolor começa sua vida sem Adriano, que teve seu empréstimo encerrado em 10 de julho. O Imperador foi fundamental nos seis meses de Morumbi, tendo marcado, inclusive, dois gols no Verdão

FOTO: Bruno Miani / VIPCOMM

ALEX VOLTA COM AJUDINHA DA ÁGUA

No departamento médico desde 13 de março, o zagueiro Alex retorna aos gramados na metade de junho graças a um importante aliado: o hidrotreinamento. Trata-se de um trabalho que vai além da fisioterapia, realizado dentro da água. Sob a orientação de Roberta, hidroterapeuta do Tricolor desde 1992, o beque acelera o processo de recuperação da cirurgia no ligamento do tornozelo direito. "A água permite uma flexibilidade maior de movimentos que a academia e elimina o trauma que o jogador tem no local lesionado", explica Roberta.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

PROMESSA PAGA

Demorou, mas Dagoberto conseguiu cumprir a promessa feita à filha de marcar um gol em sua homenagem. No dia 7 de maio, o atacante anotou o segundo gol na vitória por 2 a 0 sobre o Nacional, pela Libertadores, quebrou jejum de sete meses sem balançar as redes e pôde brindar com Thayna, nascida recentemente. "Foi muito bom ter marcado, pois tirei um peso grande das costas", reconhece o paranaense.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

BATENDO CARTÃO

A convocação do atacante Adriano reforça a posição do Tricolor de maior fornecedor de atletas para a seleção brasileira entre os clubes do país. Desde que Muricy Ramalho assumiu o São Paulo, em janeiro de 2006, já foram relacionados dez atletas. Antes do Imperador, vestiram a camisa verde e amarela o goleiro Rogério Ceni, o lateral-direito Ilsinho, os zagueiros Breno, Miranda e Alex Silva, e os volantes Richarlyson, Josué, Mineiro e Hernanes.

RECORDE NO ANO

A torcida são-paulina já garantiu um recorde em 2008: a maior renda do futebol brasileiro na temporada. O feito foi obtido nas quartas-de-final da Libertadores, contra o Fluminense, em 14 de maio. Os 61.593 pagantes que assistiram à vitória por 1 a 0 no jogo de ida garantiram arrecadação bruta de R$ 1.716.276,00.

MORUMBI DO $$$

Além de criar novas alternativas de receita para o Morumbi, como a Megaloja e o Santo Paulo Bar, o Tricolor tem lucrado com o estádio também graças às rendas. Em apenas uma semana, no mês de maio, entraram nos cofres são-paulinos R$ 810 mil. O São Paulo ganhou R$ 650 mil líquidos com a renda da partida contra o Nacional, e outros R$ 160 mil referentes ao aluguel do estádio para dois jogos do Corinthians na Copa do Brasil, contra Goiás e São Caetano.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

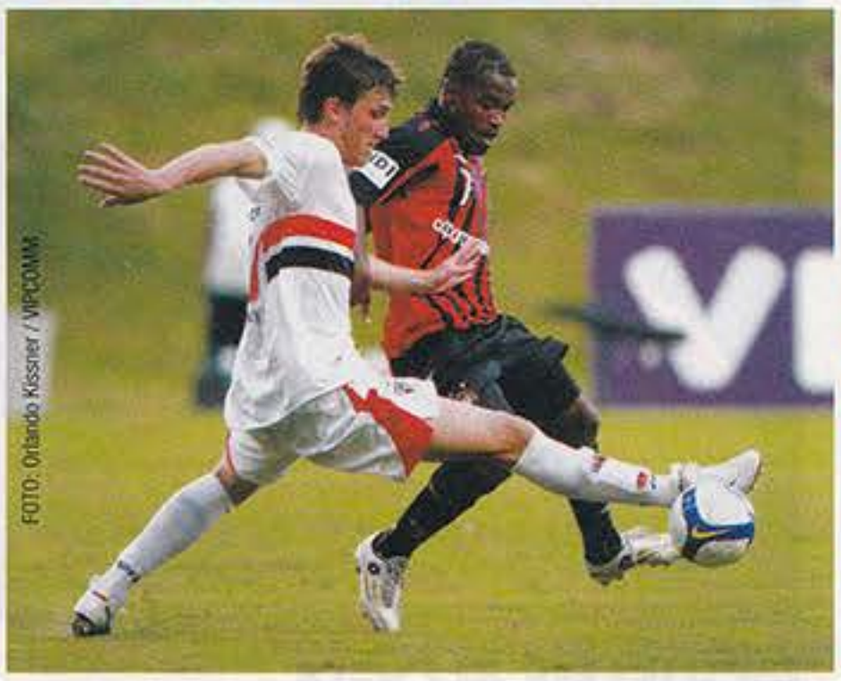


FOTO: Orlando Kissner / VIPCOMM

GAROTADA APROVADA

Quatro meninos revelados nas categorias de base do São Paulo mostraram um belo cartão de visitas logo na estréia como titulares pelo time profissional. Os zagueiros Aislan e Bruno, o volante Wellington e o lateral-esquerdo Cazumba jogaram, e bem, no empate por 1 a 1 com o Atlético-PR, válido pela segunda rodada do Brasileirão. "Os meninos tiveram personalidade e deixaram ótima impressão", reconhece o técnico Muricy Ramalho.

MURICY CENTENÁRIO...

O técnico Muricy Ramalho está numa seleta lista de treinadores que já conseguiram mais de 100 vitórias à frente do São Paulo. O comandante contabilizava até o dia 19 de maio 156 vitórias em 266 partidas. À frente dele estão apenas Vicente Feola com 290 vitórias (em 524 jogos), José Poy com 211 vitórias (421 jogos) e Telê Santana com 197 vitórias (410 jogos).

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

... E MUITO HONRADO

Muricy não tinha a menor idéia de que integrava relação com nomes tão prestigiados. "Para ser bem sincero, nunca parei para pensar nisso. Mas fico feliz, pois é sinal de que meu trabalho rende bons frutos e vitórias", comemora o treinador, que começou sua carreira como jogador no próprio Tricolor. "Se eu não vencesse tanto, não sobreviveria no cargo."

LUGANO DE VOLTA

Ídolo no Morumbi entre 2003 e 2006, o zagueiro Lugano está usando novamente a camisa do São Paulo desde maio. Mas calma, o uruguaio não entrará em campo pelo Tricolor tão cedo. O uniforme agora é o de treino, usado enquanto ele se recupera de uma lesão no joelho esquerdo. Lugano se contundiu na última rodada do Campeonato Turco, defendendo o Fenerbahce. A intenção do São Paulo é recuperá-lo para os dois próximos jogos do Uruguai nas Eliminatórias para Copa do Mundo, em 15 e 18 de junho.

ELIMINAÇÃO DOLOROSA

Com o moral de quem está há 18 anos no clube, o goleiro Rogério Ceni afirmou que a eliminação para o Fluminense nas quartas-de-final da Libertadores machucou mais do que as de 2006 e 2007 – na final contra o Inter e nas oitavas-de-final contra o Grêmio, respectivamente. "Foi a derrota mais doída. Tomar um gol no último minuto é desanimador. Fomos bem e estivemos classificados durante 180 minutos do confronto com o Fluminense, mas o gol do Washington aos 46 do segundo tempo acabou com tudo", lamenta o goleiro, chateado com a derrota por 3 a 1, no Rio.

BAILE NA CONCORRÊNCIA

O atacante Bobô cresceu, se tornou profissional e marcou seus primeiros gols com a camisa do Corinthians. Mas hoje, na condição de ídolo do Besiktas, da Turquia, ele preferiu se recuperar de uma contusão no joelho com os profissionais do Tricolor. O jogador, que já foi convocado por Dunga para a seleção, se trata desde maio no Reffis, observado de perto pelo fisioterapeuta Luiz Rosan. "Todos sabem da qualidade de quem atua aqui e fiquei mais tranqüilo quando o São Paulo abriu as portas do Reffis para mim", explica Bobô, que deve se mudar para o futebol francês na reabertura do mercado europeu.

FOTO: Divulgação

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOM

CINCO MESES DEPOIS

A temporada de 2008 começou no dia 18 de maio para Bosco. Foi nesta data, durante a segunda rodada do Campeonato Brasileiro, que o goleiro fez sua primeira partida entre os profissionais. Até então, ele havia ficado na reserva de Rogério Ceni nos 31 jogos realizados no ano. "Sei que as oportunidades são raras, por isso procuro aproveitá-las ao máximo", diz o goleiro, de 33 anos.

RIQUELME ELOGIA

Considerado por muitos o melhor jogador da Libertadores, o meia Riquelme deu uma declaração que serve de orgulho para qualquer são-paulino. Na metade do mês de maio, entre o primeiro e o segundo jogo das quartas-de-final, ele apontou o Tricolor como clube mais forte do continente. "Falam que o Boca é isso, que o Boca é aquilo. Só que o São Paulo vai ser sempre grande concorrente ao título dos torneios que participar. A presença do Adriano no times deles é uma prova dessa grandeza deles", avaliou.o craque argentino.

COISA FEIA NA ARENA

Um dos mais modernos estádios do país, a Arena da Baixada é com freqüência palco de atos hostis. No último duelo entre o Tricolor e o Atlético-PR, torcedores paranaenses passaram quase toda a partida cuspindo em Muricy Ramalho. "É uma vergonha. Fiquei o jogo inteiro levando cusparada, na cara, na cabeça... E o quarto árbitro não me deixava ficar à beira do gramado, para fugir desses vândalos."

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOM

PORTÃO FECHADO? NUNCA MAIS

Uma ação do STJD colocou fim aos jogos com portões fechados. Até 15 de maio, o regulamento geral das competições da CBF previa a possibilidade de realização de partidas sem a presença de torcida, como forma de punição devido ao mau comportamento do público.
A lei causava muita contrariedade.
Agora, os clubes penalizados terão de mandar seus jogos em cidades a 150 quilômetros de sua sede.

PAI POR HORAS

Em grande fase dentro de campo, o atacante Adriano esteve perto de ganhar uma boa notícia fora dele. Após marcar o gol da vitória sobre o Fluminense, no jogo de ida das quartas-de-final da Libertadores, o Imperador acompanhou a namorada Joana numa clínica, para saber se a moça estava grávida. Durante alguns minutos, a notícia entre os jornalistas era de que o resultado havia dado positivo. No entanto, foi alarme falso. De qualquer maneira, Joana ganhou uma bela declaração de amor. Na comemoração do gol em cima do Flu, Adriano procurou as câmeras e jurou estar apaixonado.

JEJUM EM JOGO

Desde que o Brasileirão teve início, em 1971, o São Paulo nunca conseguiu ser campeão num ano que termina em 8, e nem passou perto. As colocações do Tricolor em 1978, 88 e 98 foram bem ruins. Em 1978, por exemplo, o time paulista ficou na 19ª posição entre os 74 inscritos. Já em 1988, o campeonato contou com 24 times e o São Paulo não foi além de um 11° lugar. Até que em 1998, num torneio em que os oito melhores passavam ao mata-mata, o Tricolor ficou em 15°.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

QUEM É ELE?

Vejamos se você está afiado quando o assunto é Tricolor. Qual o jogador do atual elenco se chama Neicer? Se achou difícil, vai uma dica: ele nasceu em Esmeraldas, no dia 23 de julho de 1977. Nada ainda? Então a última: o são-paulino disputou a última Copa do Mundo pelo Equador. Falamos de Reasco, revelado na LDU, e com passagem também pelo Newell's Old Boys.

PRESIDENTE NÃO PALPITA

Perguntado sobre os favoritos à conquista do Brasileirão, o presidente são-paulino Juvenal Juvêncio adota a prudência. "É difícil dizer quem serão nossos concorrentes no início do campeonato. Se eu falasse, estaria tentando fazer adivinhação", justifica o dirigente. "Uma coisa é certa: o São Paulo estará entre aqueles que brigarão até o fim pelo título", acrescenta Juvenal.

FESTA PARA OS LATERAIS

Júnior e Cazumba, únicos laterais-esquerdos do elenco do São Paulo, assopram velinhas em junho. Campeão mundial com a seleção brasileira em 2002, Júnior esbanja experiência e chega ao 35° aniversário no dia 20. Já Cazumba vive situação exatamente contrária. Em 30 de junho, completa 20ª anos e espera por muitos títulos na carreira que ainda está começando.

ASAS DA SORTE

Titular absoluto do São Paulo e presença constante nas convocações da seleção brasileira, Richarlyson revelou seu amuleto. O volante usa um colar com duas asas, que servem para espantar o mau-olhado e ajudá-lo a pensar longe. "São duas asas que simbolizam o anjo. Comprei porque gostei e tem dado sorte. Espero que possa sempre voar em campo para ajudar os companheiros", afirma Richarlyson, com o adereço no pescoço.

UMA GELADA MILIONÁRIA

Ilsinho chega ao final da 1ª temporada na Ucrânia animado com os salários e bichos no Shakhtar, que compensam os jogos a 15º C negativos

A vocação de exportador do São Paulo é antiga e bastante conhecida. Do Morumbi, já saíram jogadores para Itália, França, Espanha, Inglaterra, Alemanha, Japão, México... No ano passado, o lateral-direito Ilsinho inovou e foi parar num mercado pouco explorado: a Ucrânia. Menos de um ano depois de trocar o Tricolor pelo Shakhtar, ele comemora o crescimento de sua conta bancária, em meio a nevascas, jogos debaixo de neve e treinos a 15° C negativos.

"Foi uma mudança drástica. Até os 21 anos, eu não tinha saído de São Paulo, e aí vim parar do outro lado do mundo", resume Ilsinho, titular absoluto da bilionária equipe de Donetsk. "Aqui tudo é absolutamente diferente. A começar pelas temperaturas, que chegam até a – 30° C", explica o lateral, que rendeu cerca de R$ 17 milhões ao Tricolor.

Mas o frio não é o único adversário do paulista de São Bernardo do Campo. "O povo ucraniano é fechado, a cultura não tem nada a ver com a nossa e a língua então... Às vezes, vejo dois caras gritando um com outro e acho que vai sair porrada, aí descubro que eles são os melhores amigos e estão conversando numa boa", conta, para cair na gargalhada.

Além de fazer seu pé-de-meia, Ilsinho ganhou bons amigos no leste europeu. Mas não pense que o garoto de 22 anos conseguiu quebrar o gelo do povo local e se tornou popular entre os gringos. "Fiz amizade com os brasileiros do Shakhtar. Somos seis: eu, Brandão, Fernandinho, Jadson, Luiz Adriano e William. Estamos sempre juntos, dentro e fora de campo."

BERMUDA? NEM PENSAR

Ilsinho assinou contrato com o Shakhtar em 27 de junho do ano passado. Entre as coisas que levou para a Ucrânia, muitas camisas, algumas bermudas e poucos agasalhos. Tudo em vão.

Isinho e a noiva Aline ao lado de um torcedor mirim do Shakhtar

FOTO: Arquivo Pessoal

FOTO: Arquivo Pessoal

O lateral teve de comprar um guarda-roupa novo para amenizar os efeitos do frio. "Mas tem dia que nem três blusas, duas calças, touca e luva funcionam", revela o paulista.

Uma das táticas que aprendeu para sobreviver às temperaturas negativas foi em relação à chuteira. "Eu calço 41, mas tenho de usar 42. Se não, a circulação de sangue no pé pára e os dedos congelam", explica Ilsinho, sem esconder que os treinos debaixo de neve são os momentos mais complicados. "Um dia, voltando pra casa, encarei uma nevasca. Não dava para passar dos 20 km/h e eu morri de medo."

Com moral no clube, Ilsinho deve se preparar para dias piores. "Parece que essa foi uma das temporadas mais quentes dos últimos anos. O Fernandinho me contou que já pegou - 30° C", ressalta o ex-são-paulino.

A condição climática, porém, costuma ser aliada do Shakhtar contra adversários de outros países. "O Milan e o Benfica penaram quando vieram jogar aqui na Liga dos Campeões", diz.

RETRANCA TOTAL

Shakhtar e Dínamo Kiev são os dois grandes times do Campeonato Ucraniano. Os demais têm piores condições financeiras e não conseguem ser páreos. A solução dos pequenos: a retranca. "Eles jogam com os 11 atrás. Até o Dínamo, que ficou dez anos consecutivos com o título nacional, joga na defensiva contra a gente", diz Ilsinho, titular assim como Jadson, Fernandinho, Brandão e Luiz Adriano.

FOTO: Arquivo Pessoal

Dos brasileiros, apenas o ex-corintiano William ainda não ganhou vaga na equipe – ele costuma entrar no segundo tempo, no lugar de Fernandinho ou Jadson. Capitaneado pelo quinteto, o Shakhtar foi campeão da Copa da Ucrânia, do campeonato nacional e quase passou às oitavas-de-final da Liga dos Campeões. "O time é muito bom. Outra coisa legal são os bichos. Já ganhei US$ 15 mil depois de uma vitória sobre o Dínamo."

FOTO: Arquivo Pessoal

Ilsinho em partida contra o Milan, pela Liga dos Campeões

QUASE NA RÚSSIA

Ilsinho já parou muitas vezes para pensar que foi parar no fim do mundo. E está quase. Donetsk fica a menos de 100 quilômetros da divisa com a Rússia, no sudoeste da Ucrânia. Totalmente destruída pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade conta com 1,5 milhão de pessoas e se transformou num verdadeiro canteiro de obras nos últimos anos. "Existe muito dinheiro circulando por aqui e surgem prédios a toda hora. Se uma pessoa vier aqui hoje e voltar daqui a três anos, provavelmente achará que está em outra cidade", afirma Ilsinho, impressionado.

A Life Fitness, marca número um do mundo em equipamentos de ginástica profissionais e residenciais, oferece a você uma linha completa de equipamentos cardiovasculares e de musculação, para um treino seguro e eficaz no conforto de sua casa.

Nunca foi tão fácil ficar em forma sem sair de casa!

X3 Cross-Trainer

T5-0 Esteira

G5 Home Gym

Life Fitness Brasil
Av. Dr. Dib Sauaia Neto 1478
Alphaville, Barueri - SP 06465-140
SAC: 0800 773 8282
TEL: (11) 4133 2882
FAX: (11) 4133 2893
www.lifefitness.com.br

Life Fitness

WWW.LIFEFITNESS.COM

©2007 Life Fitness, a division of Brunswick Corporation. All rights reserved. Life Fitness, FlexDeck, and G5 Cable Motion are registered trademarks of Brunswick Corporation. IT-014-07 (06.07)

Defensor são-paulino ao lado do filho Vinicius e da esposa Andrea

FOTO: Arquivo Pessoal

DE PONTA-DIREITA A ZAGUEIRO

André Dias só aceitou jogar na defesa depois de ver sua carreira como atacante naufragar nas peladas de rua em São Bernardo do Campo

Quinto dos seis filhos de seu Celso e dona Aparecida, André Gonçalves Dias passou a infância admirando o futebol de Romário. O menino fugia das aulas para se meter a jogar como ponta-direita num campinho de terra da periferia de São Bernardo do Campo, cidade próxima a São Paulo. O pai perdeu a conta de quantas vezes teve de tirá-lo à força das peladas para devolvê-lo à escola.

"O André nunca gostou de estudar e dava nó para jogar bola. Ele conseguia me deixar maluco com isso", relembra seu Celso, rindo da situação. "Sempre aparecia algum amigo meu em casa para dizer que tinha visto o André no campinho. Aí eu ia até lá para pegá-lo. Dava cada bronca nele", confessa o pai, que nunca precisou recorrer à surra.

Como o dinheiro na casa da família Gonçalves era curto, André Dias tinha de se divertir sem luxo. "Não tínhamos grana para comprar tênis de marca, roupas... Para se ter uma idéia, eu só tinha carrinhos de brinquedo porque os montava usando pregadores", admite o são-paulino, que gastava boa parte do tempo livre correndo atrás da bola ou empinando pipa.

O sonho de ser um atacante de

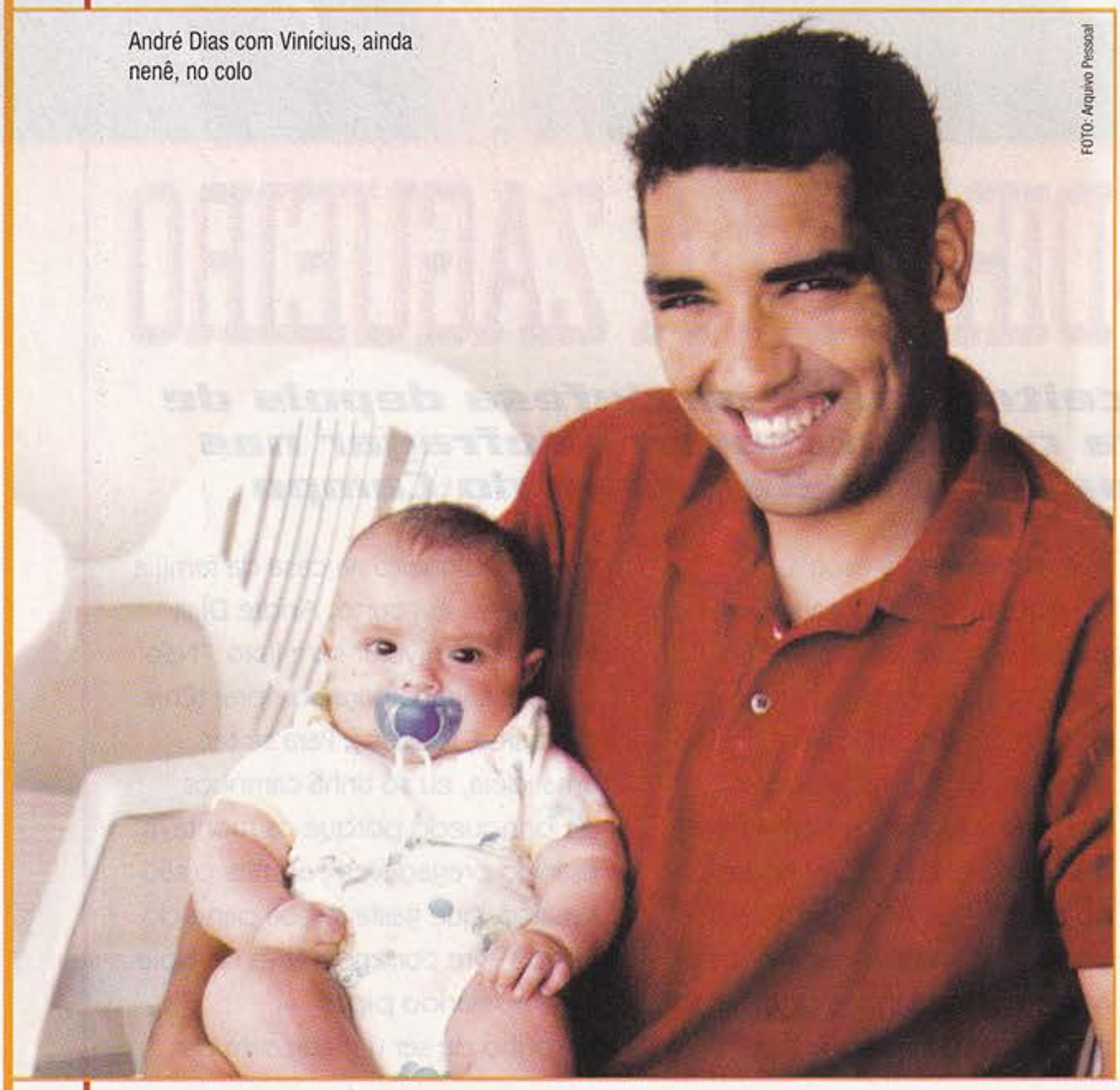
sucesso, como o ídolo Romário, foi desfeito aos 15 anos, e de maneira meio brusca. "Eu jogava como ponta-direita numa escolinha da Prefeitura de São Bernardo, mas tenho que reconhecer que não levava jeito para a coisa. Uma vez, o time em que eu jogava, chamado Blumenau, fez um amistoso e o treinador me tirou com 10 minutos de jogo", conta André Dias.

TROCANDO AS BOLAS

No mesmo dia em que foi obrigado a deixar o campo a 80 minutos do apito final, o garoto chegou à conclusão de que precisava tomar uma decisão. Como o pai e o irmão mais velho já jogavam como zagueiros, André desistiu da vida de driblador e se tornou o terceiro beque da família. Um dos primeiros conselhos que recebeu foi do pai. "Encostei nele e disse que zagueiro que bate muito não joga nada", recorda seu Celso, que já havia passado pelos juniores do XV de Piracicaba. "Eu tive de desistir da carreira de jogador para ajudar meus pais no sustento de casa. Já que o André não precisava trabalhar, tinha que aproveitar a oportunidade. Mas também não poderia ser daqueles beques brucutus, que só jogam com a bunda no chão", acrescenta. Ainda assim, a aposta de todos era muito maior em Celsinho, irmão mais velho de André Dias. "Ele era mais alto e forte do que eu", justifica o tricolor. "Mas o André tinha mais técnica e juízo. O Celsinho era muito nervoso e não aceitava provocação de maneira nenhum", compara o pai. E foi justamente por causa do temperamento explosivo que a carreira do irmão terminou. "Ele estava bem, viajava para vários países da América do Sul para participar de amistosos... Até que um dia o técnico o xingou e ele nunca mais quis saber de futebol", diz André Dias. Então toda a responsabilidade caiu sob os ombros de André, que não fugiu do desafio. "Fui para os juniores do Palestra, também de São Bernardo do Campo, e de lá para o Paraná. Em pouco menos de oito meses, me profissionalizaram e já virei titular daquele time campeão do módulo amarelo da Copa João Havelange, em 2000", comemora. Antes de ser contratado pelo Tricolor, em 2006, André ainda passou por Flamengo, Paysandu e Goiás.

FOTO: Arquivo Pessoal

Na época de escola, quando não tirava notas muito boas



André Dias com Vinícius, ainda nenê, no colo

FOTO: Arquivo Pessoal

FOTO: Arquivo Pessoal

André Dias ao lado dos alunos de sua classe na escola Clóvis de Luca

MOMENTO DE OURO

O futebol já proporcionou várias alegrias para André Dias, mas um dos dias mais felizes na vida do zagueiro ocorreu bem antes da carreira engrenar. Ele não consegue esquecer do fim-de-semana em que seu pai juntou um dinheiro e levou toda a família para o cinema. "Éramos muito pobres, então aquilo foi um acontecimento", recorda. "Assistimos ao filme 'Os Trapalhões e o Rei do Futebol'. Depois, eu e meus cinco irmãos ainda fomos a uma pastelaria."

A cena também não sai da cabeça dos pais de André Dias. "A gente lembra da alegria dos seis comendo pastel. O André e o Celsinho disputavam para ver quem conseguia comer mais", afirma seu Celso. "Para quem estava acostumado a comer apenas arroz e feijão, aquilo foi histórico", acrescenta o são-paulino, que era fã assumido de Didi, Dedé, Mussum e Zacarias.

FOTO: Arquivo Pessoal

Os avôs Alzira e Benedito, são-paulinos de longa data

HERDEIRO À VISTA

A família de André Dias ganhou uma nova integrante em 2000, quando o zagueiro defendia o Paraná. "Foi lá que conheci a Andrea, com quem namorei por um ano e me casei em 2001", conta o beque. Três anos depois, nasceu Vinícius, o primeiro filho do casal. "Agora estamos planejando mais um nenê. Quem sabe até o fim do ano não tenhamos alguma novidade", prevê o são-paulino, com vontade agora de ser pai de uma menina.

Andrea e Vinícius se juntaram à grande família de André. O almoço de domingo costuma reunir seus pais, o irmão Celsinho, as irmãs Luciana, Lucimeire, Lucimara e Janaína, além de seus maridos e filhos. "O mais legal é que todo mundo virou são-paulino depois que o André assinou com o São Paulo", conta o pai. Celsinho, até então fanático pelo Palmeiras, se livrou de todas as camisas verdes que tinha no armário. "Agora ele só anda com uniforme do Tricolor, e não perde um jogo."

Os encontros da família sempre são na casa que André Dias deu à mãe em 2004, quando ainda defendia o Goiás. "Prometi para mim mesmo que, assim que tivesse um dinheiro, daria uma casa a ela. Demorou um pouco, mas consegui. E comprei uma cheia de escadas, exatamente como ela sonhava", comemora o astro da família. "O André é excelente para todos os irmãos. É um cara atencioso, que se preocupa e ajuda sempre", garante o cunhado Edson, casado com Lucimara.

FOTO: Arquivo Pessoal

Família reunida: Lucimara, o pai Celso, a mãe Cida, Lucimeire, Lucilma e Celsinho de pé; André Dias e Janaína agachados

Profissional foi decisivo para a recuperação da forma física de Adriano

FOTO: Diogo Oliveira

500 vezes CARLINHOS NEVES

Preparador físico ultrapassa marca de 500 jogos pelo Tricolor, supera Moraci Sant'Anna e se torna o profissional da área com mais tempo de casa

Nenhum cargo é mais instável no futebol quanto o de técnico. Muricy Ramalho afirmou recentemente que basta ao treinador assinar contrato com um clube e deixar a sala do presidente para já correr risco de demissão. Até aí, nenhuma novidade. O que pouca gente lembra é que os preparadores físicos vivem no mesmo fio da navalha que os técnicos.

O são-paulino Carlinhos Neves é uma exceção na dura realidade futebolística. O preparador físico completa no dia 16 de junho seu quinto ano consecutivo com a missão de cuidar da forma dos jogadores do Tricolor – ele ainda esteve no clube entre 1999 e 2000.

A capacidade desse curitibano de 51 anos é tamanha que lhe permitiu contrariar as estatísticas.

Na partida de ida das quartas-de-final da Libertadores, contra

o Fluminense, Carlinhos Neves completou 500 jogos de São Paulo. "O número seria ainda maior se não fossem suspensões que tomei", conta o profissional, que já se tornou o preparador físico com mais anos de casa. "Tenho certeza que não há alguém com tanto tempo num mesmo clube como eu", comemora. Entre as suspensões citadas, a mais emblemática ocorreu em 2004. "Foi na nossa estréia no Brasileirão. Mesmo com dois jogadores a menos, fizemos um gol no Atlético-PR no finalzinho. Teve um momento em que eu fui quase que na bandeira de escanteio pedindo para nossos atletas segurarem a bola. O juiz não teve dúvida e me expulsou na hora", recorda.

TÍTULOS A FAVOR

Até o início da década de 2000, era comum que toda a comissão técnica caísse junto do treinador. Então, cabia ao novo comandante indicar auxiliar, preparador físico, de goleiros... O São Paulo decidiu acabar com essa lógica cruel e saiu à caça. Fechou com os fisioterapeutas Luiz Alberto Rosan e Ricardo Sasaki, com o preparador de goleiros Haroldo, já tinha o médico José Sanchez... Carlinhos havia deixado ótima impressão em sua primeira passagem e recebeu novo convite. "Não existe clube mais organizado do que o São Paulo, e o projeto me encantou", confessa o preparador físico, com passagem por 12 times, e experiência com mais de 40 treinadores diferentes. Desde que retornou ao Tricolor, esteve com a dupla Milton Cruz/Roberto Rojas, Cuca, Émerson Leão, Paulo Autuori e Muricy Ramalho. E não existem motivos para a diretoria levantar dúvidas sobre o potencial de Carlinhos Neves. Neste período, foram cinco títulos de primeiro nível: um mundial, uma Libertadores, dois brasileiros e um paulista. "Meu futuro é o São Paulo. Vivo um momento de estabilidade profissional importante, e minha preocupação é sempre estar atualizado", avisa Carlinhos, que tem como ponto de partida para seu trabalho a conversa. "Explico tudo o que farei para os atletas, e trato da mesma maneira do Rogério Ceni ao garoto Roni."

PROPOSTA DE CALENDÁRIO

Além da instabilidade, o grande vilão na vida de um preparador físico é o calendário do futebol. Neste ano, por exemplo, o São Paulo irá superar os 70 jogos, número bastante elevado. Carlinhos Neves defende a idéia de uma ampla reforma no cronograma. "A primeira coisa seria adequar nosso calendário ao europeu, em que a temporada começasse em agosto", explica o são-paulino. "São necessários 30 dias de férias, e mais 30 dias de preparação física, com a realização de apenas alguns amistosos", emenda. "A partir daí, sobrariam 10 meses de competição. O ideal também seria que tivéssemos seis partidas por mês", adverte Carlinhos Neves, preocupado em prolongar a "vida útil" dos atletas. Para que isso pudesse ocorrer, uma alternativa seria reduzir o Paulistão. "Os quatro grandes deveriam entrar apenas na fase final do campeonato", propõe o preparador, que, por conta da maratona de jogos, muitas vezes atua como um recuperador físico.

QUEM É ELE:

- Nome: Luiz Carlos Neves
- Profissão: preparador físico
- Idade: 51 anos
- Clubes: São Paulo, Coritiba, Atlético-PR, Pinheiros, Grêmio, Grêmio Maringá, Paraná, Palmeiras, Vitória, Portuguesa, Atlético-MG e Botafogo
- Títulos no Tricolor: Paulistão, Libertadores e Mundial de Clubes em 2005, Brasileirão em 2006 e 2007

Carlinhos é o preparador físico há mais tempo num mesmo clube do Brasil

FOTO: Diogo Oliveira

ELE É SÃO-PAULINO ROXO

FOTO: Rede Globo Divulgação

William Bonner, o mais respeitado jornalista do país, abre o jogo e revela que por trás do apresentador do Jornal Nacional bate um coração absolutamente tricolor

Quem nunca se pegou dando "boa noite" para William Bonner e Fátima Bernardes ao final do Jornal Nacional. Pois os torcedores do São Paulo têm duplo motivo para saudar o apresentador do principal programa jornalístico da TV brasileira: Bonner é um são-paulino ferrenho. Nem o fato de morar no Rio de Janeiro e estar cercado de flamenguistas o impede de brigar pelo Tricolor. Nesta entrevista exclusiva, o jornalista de 44 anos, dono de uma camisa do Penta Único, revela que adora gozar a concorrência. Bonner fala também da disputa com a esposa Fátima, que é vascaína, para fazer dos filhos tricolores, recorda o time que mais marcou e conta particularidades de sua vida de torcedor.

Para começar, uma pergunta bem são-paulina: qual foi a notícia que você apresentou no Jornal Nacional do Tricolor que mais gostou?
Sem qualquer dúvida, foi a conquista do tricampeonato mundial, no Japão, em 2005. Bateu bastante orgulho.

Como surgiu seu amor pelo São Paulo? É algo familiar?
Não é nada familiar. Não tinha nenhum parente são-paulino, mas foi por influência de amigos, quando eu tinha uns 7 anos. Para ajudar, o São Paulo acabara de ser bicampeão paulista, em 1970 e 71.

Sua esposa e os três filhos também são são-paulinos?
Fátima praticamente obrigou meus filhos a serem vascaínos, como ela. E com truques baixos. Quando o Guga vencia, por exemplo, ela gritava "Vascoooo!" para as crianças. O resultado é que não sobrou espaço para o São Paulo no coração carioca deles.

E como você reagia à tática da Fátima Bernardes?
Deixei as coisas acontecerem. Ainda assim, por volta dos 8 anos de idade, meu filho pediu uma camisa do Rogério Ceni. Outros coleguinhas da escola tinham feito o mesmo, embora fossem torcedores de Flamengo, Fluminense, Botafogo... Mas, no ano passado, meu filho mostrou que bom gosto a gente traz de berço e pediu uma camisa de jogador de linha do Tricolor. Agora, pelo menos, ele tem o coração dividido.

Você já se viu fazendo alguma loucura pelo Tricolor?
Quando eu era moleque, acompanhava programas de rádio, de TV e lia tudo o que saía nos jornais a respeito do São Paulo. Meu pai dizia que eu não

FOTO: Diego Oliveira

Bonner exibe com orgulho a camisa do Tricolor com seu nome

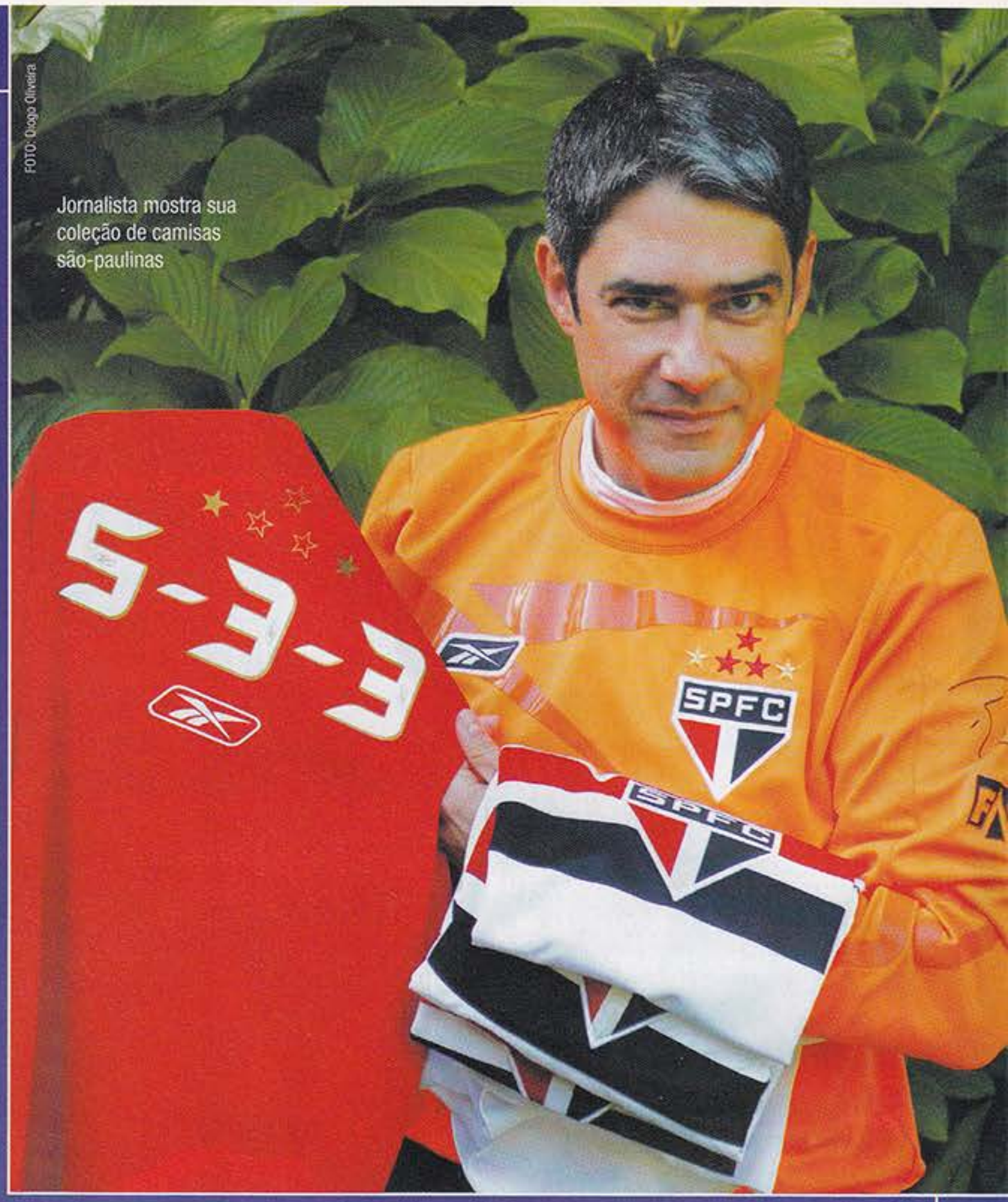


FOTO: Diogo Oliveira

Jornalista mostra sua coleção de camisas são-paulinas

desgrudaria da TV se transmitissem os treinos ao vivo. Acho que essas eram as maiores maluquices.

Mas já aconteceu de você mudar sua agenda profissional ou algum compromisso por causa de jogos do São Paulo?

Cansei de recusar convites, na adolescência, para poder ver o São Paulo. Hoje em dia minha vida social é mais voltada para os filhos.

Qual o time tricolor que mais lhe encantou?

O time que sei escalar de cor foi o que conquistou o Paulista de 1975. Inclusive, vi a final contra a Portuguesa no Morumbi: Valdir Peres; Nélson (o Nelsinho Batista) Paranhos, Arlindo e Gilberto (o Sorriso, que era lateral-esquerdo, mas só chutava com a direita); Chicão (meu herói tricolor) e Pedro Rocha (coração uruguaio); Terto, Muricy (ele mesmo), Serginho (o Chulapa, que era santista, mas se revelou no Morumbi) e Zé Carlos (que não lembro se ainda estava no time ou já tinha sido substituído pelo Zé Sérgio, primo do Rivelino, que foi para a seleção mas teve a carreira abreviada por fraturas, caçado por cabeças-de-bagre).

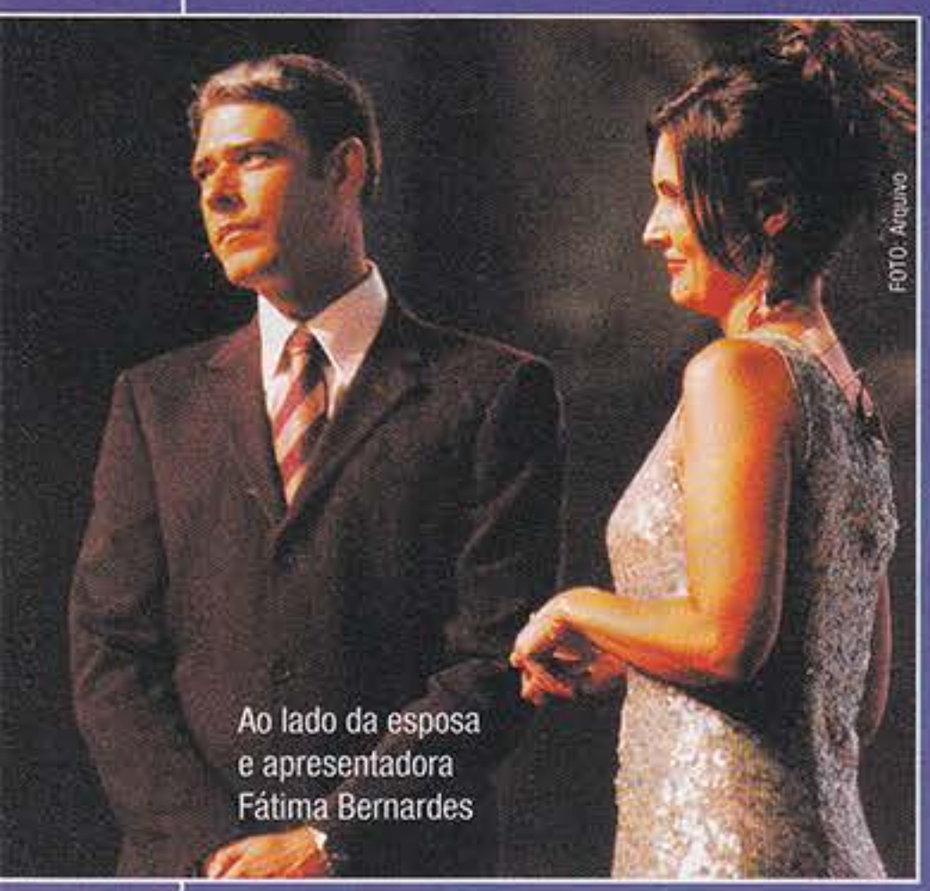


FOTO: Arquivo

Ao lado da esposa e apresentadora Fátima Bernardes

Excelente. E qual seu jogador de todos os tempos?

Não existe no São Paulo o maior jogador de todos os tempos, porque a galeria é enorme. Fora aqueles que não vi jogar, como Zizinho, Bauer, Ruy, Noronha e Leônidas, ainda tivemos o Pedro Rocha, o Mirandinha (ex-corintiano que sofreu uma fratura terrível de tíbia e perônio em São José do Rio Preto e nunca recuperou totalmente a forma), o Dario Pereyra, o Careca, o Serginho, o Raí, o Valdir Peres, o Rogério Ceni, o Muller, o Kaká, o Cafu...

Você gostou da contratação do Adriano?

Um dos meus motivos de orgulho de ser são-paulino é o profissionalismo do clube. Outro é o hábito do São Paulo de ajudar jogadores com problemas físicos, clínicos, ou de qualquer natureza, que lhes prejudiquem o desempenho. A contratação do Adriano entra nessa categoria. E torço muito para que ele tenha sempre em mente que a ajuda do São Paulo pressupõe que ele mesmo se ajude.

E o time atual... ainda passa confiança?
O time se desencontrou um pouco este ano, mas ainda merece muito respeito. E é bom lembrar que time nenhum ganha todas as disputas.

Cada torcedor costuma ter um ritual para assistir a uma partida pela TV. Como é o William Bonner diante da telinha?
Em jogos do São Paulo, tiro o som da TV. Não ouço nem locutor, nem comentaristas. Prefiro ver o jogo e avaliá-lo solitariamente.

Creio que por causa da sua agenda e pelo fato de ser conhecido, não consiga ir ao Morumbi. Mas essa realidade já foi diferente?
Fui ao Morumbi várias vezes quando morava em São Paulo. Meu pai me levava sempre. De jogos inesquecíveis, vi a final do Paulista de 1975, contra a Portuguesa. Ganhamos nos pênaltis, graças à mandinga do Valdir Peres. Foi mais ou menos um prenúncio do que aconteceria dois anos depois, no campeonato nacional. Aliás, vi as quartas-de-final do Brasileiro de 1977, contra o Operário. Também vi, lá, a seleção brasileira ganhar da Polônia antes da Copa de 1978.

Qual a recordação mais engraçada dos tempos de torcedor de arquibancada?
Talvez tenha sido num jogo do São Paulo contra o Cruzeiro, nos anos 70. Um jogador do time mineiro ajeitou a bola pra bater uma falta do meio-de-campo como se fosse chutar pro gol. A torcida olhou aquilo com uma desconfiança danada, claro. Mas quando o cara chutou, a bola explodiu na trave do Valdir e quase voltou pro meio-campo de novo. Tínhamos todos sido apresentados ao Nelinho, lateral-direito que, tempos depois, se celebrizou na seleção.

Imagino que em seu ambiente de trabalho predominam torcedores de times cariocas. Há muita provocação?
A maioria é Flamengo, infelizmente. E não andam muito felizes comigo desde que comprei a camisa do Penta Único. Quanto a gozações, nos últimos anos ninguém tem tido muito motivo para me azucrinar, né?

Quais são suas vítimas preferidas: os palmeirenses, os santistas ou os corintianos?
Atualmente, vitórias contra o Corinthians têm sido mais saborosas. O Palmeiras ficou muito tempo por baixo, está saindo agora. E tenho alguma simpatia pelo Santos. Vi o Pelé em fim de carreira, e isso acabou influindo.

O quanto o São Paulo pode ajudá-lo no aspecto profissional, se é que já ajudou?
Profissionalmente, o São Paulo não me ajudou diretamente. Mas acho, por outro lado, que o profissionalismo da instituição São Paulo Futebol Clube deveria servir de exemplo para todas as agremiações brasileiras.

Após o título do Brasileirão, Bonner fez questão de comprar camisa do Penta Único

www.Braziline.net

sportwear

A moda oficial do torcedor!

© Braziline Ind. e Com. Ltda 2007. Todos os direitos reservados.

Irresistível tricolor

Fotos: Ike Levy

Atriz Tânia Kalil esbanja sua beleza são-paulina em novelas da TV Globo e no teatro

Ela já encantou o Brasil na pele de Nalva, personagem da novela "Senhora do Destino", da TV Globo. Dona de um corpo escultural, resultado de 15 anos de balé clássico, a paulista Tânia Kalil tem outra virtude além da beleza e da capacidade como atriz: é são-paulina de longa data. "Meu pai Emiliano sempre torceu pelo Tricolor e me levou inúmeras vezes ao estádio", conta.

"Eu ia com ele e minhas irmãs Mariana e Beatriz. Tenho ótimas lembranças, como os avanços do Cafu pela direita e a categoria do Palhinha no meio-de-campo", detalha Tânia, de 30 anos. Estrela da peça "O Mala", em cartaz no Teatro Folha, em São Paulo, ela se casou com outro são-paulino roxo: o cantor Jairzinho.

A união de dois tricolores ferrenhos não poderia dar em outra coisa: "Minha filhinha Isabela já tem duas roupinhas do São Paulo. E ela fica muito fofa de Tricolor", admite a atriz, que é mãe há 11 meses.

Ty virou astro em seu país por vestir a camisa 10 do time tricolor no sub-13

FOTO: Diogo Oliveira

UM SUL-AFRICANO NO MORUMBI

Depois de passar numa peneira em Johanesburgo, garoto de 13 anos foi contratado pelo São Paulo e hoje realiza o sonho de jogar no País do Futebol

Assim como no Brasil, o futebol é o esporte número um na África do Sul. Natação, rúgbi e críquete aparecem muito depois no gosto dos sul-africanos. E o fato de ser sede da próxima Copa do Mundo, em 2010, tem mexido ainda mais com o imaginário de milhões de garotos. A maioria deles sonha um dia estar na pele de ídolos bem brasileiros, como Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano.

Com a ajuda do São Paulo, um garoto de 13 anos está vivendo seu conto de fadas. Tyroane Joe Sandows trocou os campos de terra batida de Johanesburgo, capital da África do Sul, pelos gramados bem tratados do CT de Cotia. Filho de um ex-jogador e de uma professora, ele defende desde 2006 a camisa do Tricolor, para orgulho geral da nação mais desenvolvida do território africano.

Ty, como é mais conhecido, virou celebridade entre seus conterrâneos por ter conseguido espaço no País do Futebol. "Jornalistas ligam sempre para ele, a fim de saber notícias. Quando ele retorna a Johanesburgo, então, os repórteres o esperam no aeroporto", revela Carla Strafacci, que se comoveu com a história do menino e resolveu "adotá-lo".

Dois anos atrás, graças a um convênio entre o Tricolor e uma empresa chamada Reckitt Benkiser, surgiu um projeto social que mexeu com a juventude sul-africana. A idéia era trazer 12 crianças para treinar e participar de jogos amistosos durante uma semana dentro do São Paulo.

FOTO: Diogo Oliveira

O drible é uma das maiores virtudes do menino

COMEÇO DO SONHO

Para participar, os sul-africanos teriam de enviar um torpedo, via celular, e torcer para que fossem um dos 180 sorteados. A partir daí, esse grupo composto de meninos apaixonados por futebol passaria por uma série de peneiras até que seriam selecionados os 12 melhores, aptos para viajar ao País do Futebol. Ty esteve entre os sortudos e, depois, passou com folga por todos os testes com bola.

"Sempre quis ter o drible do Ronaldinho Gaúcho, as arrancadas do Kaká e a finalização do Ronaldo", conta Ty, que levou semanas para acreditar que conheceria o clube responsável pela revelação de Kaká. "Eu vim para cá encantado", relembra. Pouco tempo depois, foram os brasileiros que se encantaram com ele. "Logo no primeiro treino aqui no Brasil, o Silva, técnico das categorias de base do São Paulo, passou à diretoria que o Ty merecia continuar no país", explica Paulo Calabrio, marido de Carla e uma espécie de pai adotivo do candidato a craque.

Após a semana dos sonhos, Ty e os outros 11 meninos retornaram à África do Sul. Mas a insistência de Silva deu resultado e a Reckitt Benkiser resolveu bancá-lo durante todo o ano de 2006 no Brasil. Restava um detalhe: o São Paulo não poderia abrigar legalmente um garoto de apenas 11 anos. Onde ele iria morar? "Enquanto eles procuravam uma solução para esse problema, foram ao Consulado sul-africano em busca de indicações de escolas. Foi aí que chegaram até a mim", conta Carla, diretora de RP internacional da St. Nicholas

International School.
"Eu apresentei a escola e todos ficaram impressionados. Mas, no final, disseram que de nada adiantaria, pois não havia onde o Ty ficar. Eu me encantei com a história e na hora liguei para o Paulo, perguntando se poderíamos ficar com ele", recorda Carla. "Foi uma das melhores coisas que poderiam ter acontecido, porque o Ty é um menino de ouro. Não dá trabalho algum, é ótimo aluno e tem bastante futuro no futebol", avalia a tutora.

CONTO DE FADAS

Não faltavam motivos para que Ty fracassasse em sua aventura no Brasil. Ele tinha apenas 11 anos, ficaria longe dos pais, moraria num país que mal conhecia e era incapaz de falar uma palavra em português. "Quando me mudei de vez para cá, em 2006, estava acompanhado nos primeiros dias pelos meus pais, só que eles tiveram de ir embora dois dias antes do meu aniversário", diz o são-paulino, citando um dos momentos mais difíceis de sua adaptação. "Acho que aquela foi a única vez que o vi chorar", emenda Carla.

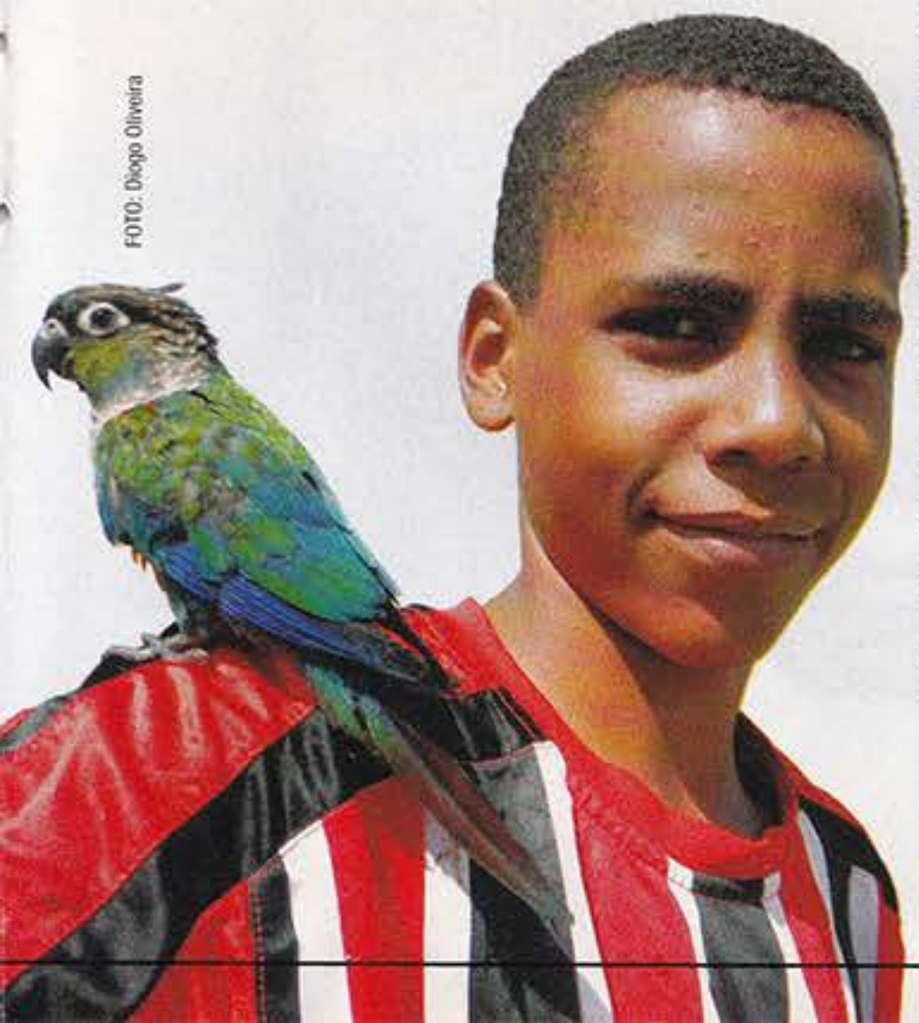


FOTO: Diogo Oliveira

FOTO: Diogo Oliveira

Junto dos pais "adotivos" Carla e Paulo

Mas o tempo acabou com qualquer barreira. Hoje, dois anos depois, Ty fala português perfeitamente, tem um monte de amigos na escola e no São Paulo, e adora a cultura brasileira. "O que mais gosto daqui é a paixão do povo pelo futebol", explica o meia-esquerda, sem esconder porém outras tentações. "Gosto bastante de pastel de queijo, vitamina e rosca com manteiga."
Dentro de campo, as coisas também engrenaram. O futebol vistoso de Ty ganhou corpo e hoje ele é bancado exclusivamente pelo Tricolor. Se na chegada ao Brasil ele só gostava de driblar, atualmente honra a camisa dez que veste na categoria sub-13. "Eu me tornei fisicamente mais forte, ganhei velocidade, força no chute...", admite o garoto, que treina três vezes por semana em Cotia – os jogos geralmente são marcados no fim de semana.

A mãe e o irmão mais novo de Ty devem se mudar em agosto para o Brasil, e o São Paulo pretende ajudá-la a encontrar um emprego. O pai, patriarca da família, vem em definitivo apenas no ano que vem. Enquanto isso, o meia-esquerda curte o *status* de jogador do Tricolor. "Outro dia fomos convidados para ver a partida contra o Nacional num camarote do Morumbi", diz Ty. Após o jogo, ele, Carla e Paulo foram aos vestiários e conversaram com quase todos os atletas.
Ty até ganhou um calção de Adriano. Ao contar a notícia para familiares e amigos na África do Sul, o menino arranjou um problema para resolver. "Todo mundo está me pedindo esse calção. E olha que meus amiguinhos da escola ainda nem sabem desse presente que ganhei", acrescenta, com um sorriso envergonhado no rosto.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

CABEÇA FEITA 3

Adriano conseguiu bem mais do que a recuperação psicológica no Tricolor; desde que estreou pelo clube do Morumbi, ele aprendeu a fazer gols com a cabeça

O sonho de Adriano ao assinar contrato com o São Paulo era recuperar o espaço perdido no mundo do futebol. O primeiro passo, conforme o próprio atacante admitiu, seria colocar a cabeça no lugar. Com a ajuda de diretoria, comissão técnica e jogadores do Tricolor, o atacante fugiu dos problemas, não foi visto mais na noite e retomou a fama de Imperador para alegria da nação brasileira.

Mas os benefícios pela curta passagem no Morumbi não param por aí: Adriano aprendeu a usar a cabeça também para marcar gols. Dos 17 que anotou até o fim de maio, nove surgiram de potentes cabeçadas. "Isso é absolutamente inédito na minha carreira. Não tenho total certeza, mas acho que não havia feito mais do que sete gols de cabeça em toda vida", revela o Imperador.

A relação de gols do camisa 10 seria maior se Salvio Spinola Fagundes Filho não tivesse anulado uma cabeçada linda e legítima na partida contra o Corinthians. O árbitro conseguiu enxergar uma falta que não existiu do atacante em cima de William. "Mas não tem problema. Até ir embora, terei tempo de fazer mais gols de cabeça", avisa o atacante, emprestado pela Inter de Milão até 10 de julho.

Adriano demonstrou sua nova arma no Paulistão e em jogos decisivos da Libertadores da América. As vítimas em cenário continental foram Audax, Sportivo Luqueño e Fluminense. Já no Paulistão, seu rival predileto foi o campeão Palmeiras, que sofreu dois gols de cabeça - Juventus, Sertãozinho, São Caetano e Rio Claro foram outros castigados.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

FORÇA IMPERIAL

Uma das explicações para a fartura dos gols de cabeça é óbvia. "O biótipo dos jogadores brasileiros é mais frágil do que estou acostumado a enfrentar na Itália", compara Adriano, que já defendeu Parma, Fiorentina e Inter de Milão desde que foi para a Europa, em 2001. "Para ganhar no alto de um zagueiro italiano, é complicado", atesta o artilheiro, com o moral de quem já tem 155 gols na carreira.

"Aqui eu tive um pouco mais de facilidade no jogo aéreo, por causa das sete temporadas na Itália. Sem contar que meu físico é diferente", acrescenta o carioca de 26 anos, que tem 1,89m e 96 quilos de pura massa muscular. O técnico Vanderlei Luxemburgo, do rival Palmeiras, se assustou com a força do Imperador. "Falei para os meus zagueiros depois de um jogo com o São Paulo que o Adriano é praticamente imarcável."

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

A ressurreição do são-paulino foi definitivamente comprovada com seu retorno para a seleção brasileira, após um ano e três meses de ausência. O técnico Dunga o convocou para as duas próximas partidas das Eliminatórias para a Copa do Mundo, contra Paraguai e Argentina, nos dias 15 e 18 de junho. "As coisas estão sendo reconquistadas devagarzinho, na base de muito sacrifício. E estou supermotivado", afirma o camisa 10.

Em Buenos Aires, a notícia da convocação do Imperador caiu como uma bomba. O jornal *Olé* estampou na capa: "Perigo, animal à solta." Tanta

preocupação é conseqüência das duas últimas apresentações de Adriano contra os hermanos. Primeiro, em 2004, na final da Copa América, quando marcou gol no último minuto e levou a decisão para os pênaltis, vencida pelo Brasil. No ano seguinte, o atacante balançou a rede duas vezes na goleada por 4 a 1 que garantiu o título da Copa das Confederações sobre os argentinos. "Reaprendi no São Paulo a dar valor aos amigos. Hoje estou bem mais próximo da minha família e de pessoas que realmente gostam de mim", revela o jogador, que foi saudado com aplausos pelos companheiros de time após a notícia da convocação.

Clubes	Jogos	Gols	Média
São Paulo	28	17	0,60
Parma	47	26	0,55
Inter	154	68	0,45
Fiorentina	16	6	0,38
Flamengo	41	12	0,29

CORAÇÃO OCUPADO

Depois de seis meses no Morumbi, Adriano não nega que está com a cabeça recuperada e o coração preenchido. A estadia no Brasil serviu para que ele se acertasse com a mãe de seu filho, Adriano Júnior, agora grande amiga. O craque ainda conheceu Joana, sua namorada. "Joana, eu te amo", disse o atacante, em direção a uma câmera de TV pouco depois de marcar o gol da vitória sobre o Fluminense, nas quartas-de-final da Libertadores.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

MELHOR MÉDIA

Os números de Adriano no São Paulo impressionam não apenas pela facilidade para marcar gols de cabeça. O camisa 10 nunca teve uma média tão alta de gols nos clubes anteriores. Até o dia 20 de maio, ele contabilizava 27 jogos e 16 gols no Tricolor, com 0,60 gols por partida. A média mais próxima foi obtida quando defendeu o Parma, com 0,55 (veja lista completa no quadro na página anterior). Na seleção brasileira, Adriano tem números ainda mais expressivos: são 37 partidas, com 27 gols e média de 0,73.

MITOS COM A CABEÇA

O grande ídolo de infância de Adriano foi o meia Zico, que fazia com os pés suas jogadas mágicas. Nas peladas de rua da Vila Cruzeiro, periferia do Rio de Janeiro, o menino grandalhão tentava sem muito sucesso copiar os dribles do então camisa 10 do Flamengo. Ao subir para a equipe profissional do Rubro-negro, aos 17 anos, Adriano se conscientizou de que seu tamanho o impediria de ser super-habilidoso, mas iria lhe favorecer nas jogadas aéreas. "A turma pegava no meu pé, porque eu tinha uma estatura boa, só que era ruim com a cabeça. Tive que aprender na marra", resume.

Se a fase das cabeçadas perfeitas prosseguir, Adriano pode entrar numa galeria de gênios deste tipo de lance, como Baltazar, Dadá Maravilha, Pelé, Leivinha, Serginho Chulapa e Dino Sani. Baltazar chegou a ser chamado de Cabecinha de Ouro, tamanha a facilidade que tinha para marcar com o cocuruto. Dos 267 gols anotados em 12 anos de Corinthians, 71 surgiram de cabeça.

Dadá Maravilha apareceu com destaque na década de 70, principalmente pelo Atlético-MG. Um de seus truques era a impulsão. "Somente Dadá, helicóptero e beija-flor foram capazes de parar no ar", afirma com freqüência o bem-humorado ex-atacante, com 926 gols na carreira.

Leivinha ingressou na relação dos mestres da cabeçada já no Palmeiras, no início dos nos 70. Na final do Paulistão de 1971, contra o São Paulo, ele teve um gol legítimo anulado por Armando Marques, que anotou toque de mão. O árbitro julgava impossível que o palmeirense tivesse alcançado uma bola cruzada tão alta, e que ainda entrasse para o gol com tanta força.

Já Pelé se tornou especialista na arte de cabecear depois que seu pai, Dondinho, lançou um desafio. Assim que desembarcou no Santos, em 1956, o Rei do Futebol recebeu um recorte de jornal que falava dos cinco gols marcados por Dondinho, todos de cabeça, num mesmo jogo. A missão de Pelé era ao menos igualar tal feito, algo que não aconteceu. Mas o ex-santista foi um exímio finalizador com a cabeça.

FOTO: Gaspar Nóbrega / VIPCOMM

THIOLON

Greenfields

forbex SYNTHETIC GRASS

Estádio Compensar, Colômbia
Campeonato Profissional Colombiano

Greenfields SPORTS TURF SYSTEMS

forbex Pelé's choice

Campo de futebol profissional oficial
Construído com a tecnologia mais
Avançada, Forbex / Greenfields FIFA2*

Rua Bartolomeu Paes, 508 - Vila Anastácio
CEP 05092-000 - São Paulo - SP - Brasil
www.forbex.com.br

ROGÉRIO CENI QUASE DESISTIU DO FUTEBOL!

Maior ídolo da história do São Paulo, goleiro revela que só não abandonou o clube em 1991 porque seu pai não deixou

FOTO: Diogo Oliveira

Goleiro não descarta chegar aos 1.000 jogos com a camisa são-paulina

É impensável imaginar o São Paulo sem Rogério Ceni. Numa era em que os jogadores trocam de clube com a mesma velocidade que mudam de carro, o goleiro caminha no sentido inverso e completa no mês de setembro seu 18° ano consecutivo no Morumbi. Porém, toda a história de títulos e feitos deste paranaense só foi possível porque seu pai, Eurides Ceni, não o deixou abandonar o Tricolor em 1991. Nesta entrevista exclusiva à **Revista do São Paulo**, o goleiro detalha esta passagem. Rogério ainda compara o futebol atual com aquele do início da década de 90, cita os melhores atacantes e zagueiros que viu jogar e fala de seus planos para o final da carreira.

REVISTA DO SÃO PAULO: Se um estrangeiro chegasse ao Brasil sem qualquer conhecimento do futebol daqui e perguntasse a você qual a diferença entre o São Paulo e os outros grandes do estado, o que responderia?

ROGÉRIO CENI: Essa pergunta é muito subjetiva. (Pensativo) Mas se ele for estrangeiro, como você falou, nem vai precisar que eu apresente o São Paulo, que tem vencido tantos títulos no exterior recentemente.

Ok, mas e se ele não entendesse de futebol e, consequentemente, não soubesse dos últimos títulos do Tricolor?

Aí eu nem perderia meu tempo explicando, porque, se ele não gosta de futebol, tanto faz quem é o São Paulo, o Corinthians, o Palmeiras...

Qual foi a maior lição que o futebol lhe ensinou?

Aprendi a entender as pessoas. Porque no futebol, como em qualquer outra profissão, você lida dia-a-dia com um monte de gente. Amadureci e hoje sou capaz de reconhecer que os companheiros podem ter formas diferentes de entender uma derrota. Eu sempre fui obcecado por vitórias e no começo de carreira me dirigia de forma dura a quem fosse diferente.

O futebol mudou muito do início da década de 90, quando você se profissionalizou, para hoje?

Mudou radicalmente, e em todos os sentidos. Desde a mídia, passando pela busca dos clubes do exterior por jogadores brasileiros, o espaço que o futebol de hoje tem na vida dos brasileiros... Com a entrada da TV fechada, quase todos os jogos são transmitidos, existem câmeras por todo lado. Os jogadores também estão mais valorizados, teve a entrada da Lei do Passe... enfim, não sobrou nada daquele futebol dos primeiros anos de 90.

Mas o balanço de tantas modificações é positivo?

Para os mais saudosistas, não. Hoje o futebol perdeu em beleza e ganhou em força, pegada, dinamismo. Mas, em geral, as mudanças foram benéficas.

E a nova geração pensa muito diferente da sua?

Pensa, sim. Vou te dar um exemplo: quando eu tinha 17 anos, ganhava 2/3 de um salário mínimo, morava no Morumbi e era um dos caras mais felizes do mundo. Agora, se a diretoria não oferece luvas e um baita salário, o menino de 17 anos não fica no São Paulo. E entenda bem: minha intenção com essa comparação não é fazer uma crítica, apenas uma constatação da realidade.

Como você se virava com um salário tão baixo?

A primeira coisa era não gastar com besteira. Eu ganhava algo em torno de R$ 280, se fosse nos dias atuais. Quando faltava dinheiro, meu pai ajudava. Mas tenho certeza de que só dou tanto valor ao que tenho

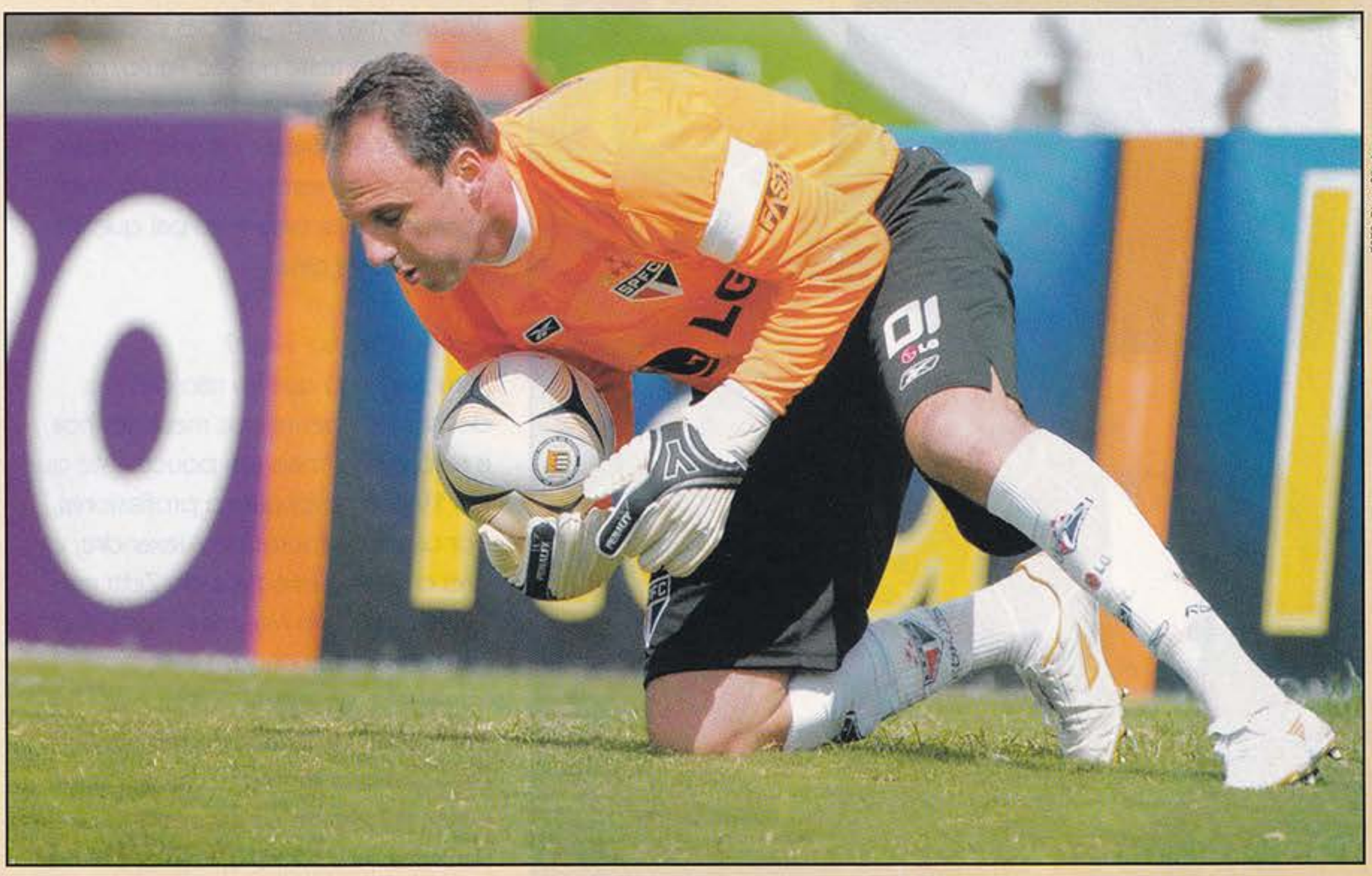


FOTO: Diogo Oliveira

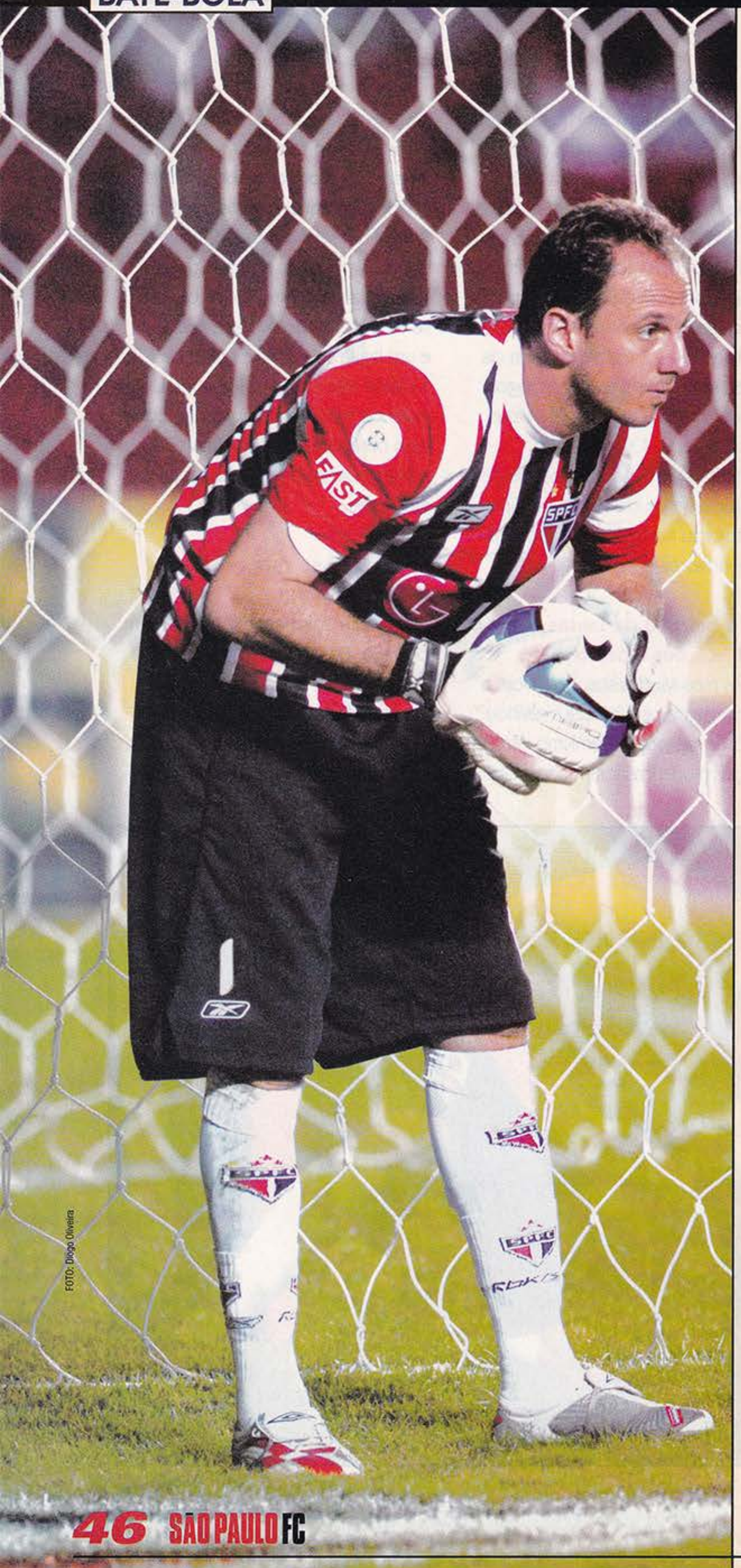


FOTO: Diogo Oliveira

atualmente por causa das dificuldades que passei lá atrás. Quando eu era convocado para treinar com o time profissional, ficava feliz da vida, porque teria a chance de almoçar aqui no CT, que tinha uma comida maravilhosa.

Mas para os juniores a comida era pior?

A gente não tinha essa regalia e conforto dos meninos que estão no CT de Cotia. Eu morava com mais um monte de garotos na concentração do Morumbi, e tinha que dividir uma televisão, um telefone... Lembro que depois de três minutos, a ligação era cortada. Quem almoçava por último naquela época ficava sem carne. Eram outros tempos.

Você nunca pensou em desistir da vida de jogador?

Para falar a verdade, eu nunca fiz planos de ser um atleta. Jogava futebol porque gostava, mas sem grandes pretensões. Vim fazer o teste no São Paulo, passei e acabei me animando. Mas, em 1991, fiquei quase que o ano inteiro no banco de reservas dos juniores e cheguei a falar para meu pai que iria embora para casa.

E o que te fez ficar?

Meu pai falou que eu não deveria desistir facilmente dos meus sonhos, e resolvi ficar mais um pouco. Até que em 1992 eu subi para o profissional, por causa da morte do Alexandre, e virei o reserva imediato do Zetti em 1993, quando o Marcos foi emprestado para o Novorizontino.

Avançando um pouco no tempo: ficou alguma ponta de frustração por você nunca ter jogado no exterior?

Nenhuma. Pelo contrário, hoje eu colho os

frutos de ter ficado tanto tempo num mesmo lugar, com o reconhecimento, o respeito e o respaldo dos torcedores do São Paulo. Na década passada, não era comum que goleiros fossem para fora. A única exceção era o Taffarel.

Em 18 anos de carreira, você já enfrentou todo tipo de atacante. Qual foi o mais mortal?

Com certeza o Romário e o Bebeto. Não vi ninguém definir tão bem a gol quanto eles. Na área, os dois eram calmos, precisos e tinham um posicionamento fantástico. O curioso é que enfrentei o Romário várias vezes. Uma em 1993, quando ele estava no Barcelona. Era a final do Torneio Tereza Herrera e eles venceram por 1 a 0, com gol dele.

Agora vamos inverter as posições: qual zagueiro te passou mais confiança?

Ah, essa é difícil, pois há grande chance de eu cometer uma injustiça. Nos últimos anos, passaram pelo São Paulo grandes zagueiros, como Alex Silva e Miranda, que são completos. Também gosto do André Dias e do Rodrigo. Em tempos anteriores, tivemos o Lugano, o Bordon, o Edmilson...

Na Fórmula 1, os pilotos falam abertamente que é impossível ter amigos no meio. Isso vale para o futebol?

Eu tenho vários amigos, daqueles de receber em casa. Os goleiros, com quem há mais contato, são os mais próximos. Gente como Bosco, Bruno, Alencar, Zetti... Também me dou superbem com jogadores de defesa, por atuarem mais perto de mim, como aconteceu com o Lugano, o Cafu... Ainda sou muito amigo de vários técnicos e membros da comissão.

Você demonstra lidar bem com todas as novidades que a vida prega. Já está preparado para encerrar a carreira?

(Pensativo) Então, acho que ninguém está preparado para isso. As pessoas só param porque percebem que o tempo chegou. Eu sempre vou ter vontade de ganhar mais um título, de ouvir a torcida gritando mais uma vez... Só que tem uma hora que as pernas não agüentam mais e você é obrigado a parar.

É correto imaginar que você encerra a carreira em 2010, aos 37 anos, quando termina seu contrato com o São Paulo?

Não dá para fazer esse tipo de previsão. Vou jogar enquanto tiver condições de me manter em alto nível. Até 2010 eu garanto. Mas não descarto a possibilidade de renovar o contrato e ficar além disso. Só que o futebol é assim: se você vence com 35 anos, é porque tem experiência; se perde, está velho. Mas se você tem 20 e ganha, dizem que já está pronto; em caso de derrota, falam que ainda não está maduro.

Você tem idéia do que pretende fazer depois que pendurar as luvas?

Não tenho nada muito claro. A única certeza é que nada do que eu fizer será igual a jogar futebol. Mesmo se eu for comentarista, treinador ou abrir um restaurante, por exemplo.

A idéia de ser treinador agrada?

Mais ou menos. Uma coisa é certa: se eu apostasse nessa carreira, teria grande chance de ter sucesso. Digo isso porque trabalhei com grandes técnicos, absorvi bastante coisa durante esses 18 anos de carreira e entendo de tática, de comportamento...

Você tem medo de alguma coisa fora dos campos?

Da violência. Estamos numa fase em que estar vivo no dia seguinte já é motivo de comemoração. Atualmente, quem tem emprego, consegue sustentar a família, tem uma casa própria e não é assaltado pode se considerar uma pessoa feliz.

FOTO: Diogo Oliveira

O APOIO DA TORCIDA

Estive no Morumbi outro dia. Quarta-feira à noite, jogo de Taça Libertadores, com 61 mil pagantes. Coisa linda é ver o estádio cheio assim. O branco predominante das arquibancadas se funde com o branco que a névoa espessa empresta da luz emitida pelos refletores. Contra o fundo escuro do céu da noite, o vermelho do sangue fervilhando de paixão. É assim que a presença de tantos torcedores esquenta a noite fria de Outono.

É notório que a torcida do São Paulo se inflama com a disputa continental. Os três títulos nos deixaram aficcionados – somos loucos pelo torneio e o time sabe disso. Presenciei as três campanhas vitoriosas (e as outras também). Cada uma delas teve uma história diferente. E foi concluída no Japão contra três grandes expoentes do futebol europeu. Vejo uma graça incrível nisso. Ganhamos das principais escolas do futebol mundial.

Ir a um jogo de Libertadores tem um sabor especial. Jogos no meio de semana, intercalados com outros campeonatos. Mesmo sendo disputados nesse horário absurdo das 22 horas, a afluência de público é imensa. Há um magnetismo incomparável. Toda vez que avisto o Morumbi aceso quando estou descendo a ladeira que leva ao portão principal, sinto um frio na espinha. É de arrepiar.

A entrada do São Paulo é sempre um momento solene. Gosto de me levantar para aplaudir os atletas que defenderão as cores do clube. O alvoroço da torcida quando avista os jogadores na boca do túnel é o prenuncio do espetáculo decisivo. Quando a Libertadores entra na fase dos jogos eliminatórios, o mando de campo pressupõe o apoio da massa. Fazendo uma analogia com minha profissão, quando toco em São Paulo, sinto a diferença: estou em casa, cercado de quem amo – meus filhos. A presença deles num show faz muita diferença. É aquele fator emocional que me leva à superação.

Esse componente objetivo traz à tona a concentração necessária para um desempenho melhor. Não é pouco o que faz esse elemento sutil e invisível. Receber o apoio da sua família, contar com o carinho de quem se ama é um fator de superação. Um show, assim como um jogo, é o ápice de nossa profissão. Esse é o momento de apresentar o resultado de toda a preparação – a composição das músicas, a criação dos arranjos, os ensaios exaustivos finalmente serão apresentados à platéia. Não há nada mais gratificante do que o reconhecimento que vem com o aplauso. E o aplauso no futebol é o grito de incentivo. A presença da torcida dá aos jogadores o conforto e a confiança fundamentais para superar desafios.

Diferentemente de uma partida, quando subo ao palco tenho apenas que lutar contra meus próprios fantasmas. Um time de futebol tem que superar um adversário em igual condição. O que faz a diferença é o apoio de seus torcedores.

FUTURO GARANTIDO

Juvenal Juvêncio demonstra otimismo com garotos das categorias de base e prevê time insuperável dentro de dois anos

Desde que retornou ao São Paulo, em 2003, Juvenal Juvêncio focou boa parte de seus esforços para as categorias de base, e a grande prova está na construção CT de Cotia. Hoje, quase três anos depois da inauguração do centro de treinamento para os jovens, o presidente são-paulino anda otimista e já é capaz de imaginar títulos e glórias graças aos meninos formados em Cotia.

Revista do São Paulo: O Hernanes é o único jogador do time titular revelado na base do Tricolor. Isso significa que não há outras promessas no CT de Cotia?

JUVENAL JUVÊNCIO: Muito pelo contrário. Estou satisfeito com o trabalho que vem sendo feito nas categorias menores e tenho certeza de que em dois anos não vamos precisar contratar qualquer jogador de fora.

Como assim?

O maior tesouro do São Paulo hoje é sua base. Temos grandes valores sendo formados no juvenil e nos juniores. Em breve, os torcedores verão jogando no time principal Erick, Roni, Diogo, Julinho, Mazolinha, Cazumba, Aislan, Sérgio Mota... Todos com muitíssimo talento e que estão sendo preparados para brilhar.

Você acompanha de perto esses meninos?

Sempre. Vou em média duas vezes por semana para o CT para ver os garotos e conversar com a comissão técnica. O que várias pessoas ainda não entenderam é que a sobrevivência do futebol brasileiro depende da revelação de garotos.

É verdade que o São Paulo investe R$ 5 milhões por ano na base?

É sim. E, num primeiro momento, pode até parecer custoso, mas esse investimento é altamente rentável, e vou dar um exemplo: só a venda do Breno para o Bayern de Munique (cerca de R$ 30 milhões) já pagou todos os gastos com o terreno e a construção de todo o CT de Cotia.

Alguns clubes como o Palmeiras têm se associado a empresas para contratar jogadores. O Tricolor aceitaria esse tipo de negócio?

Isso está descartado por aqui. Entendo que o São Paulo pode caminhar com as próprias pernas, sem a interferência de firmas ou de empresários. E tem que ser assim.

SÃO-PAULINO DE LONGA DATA

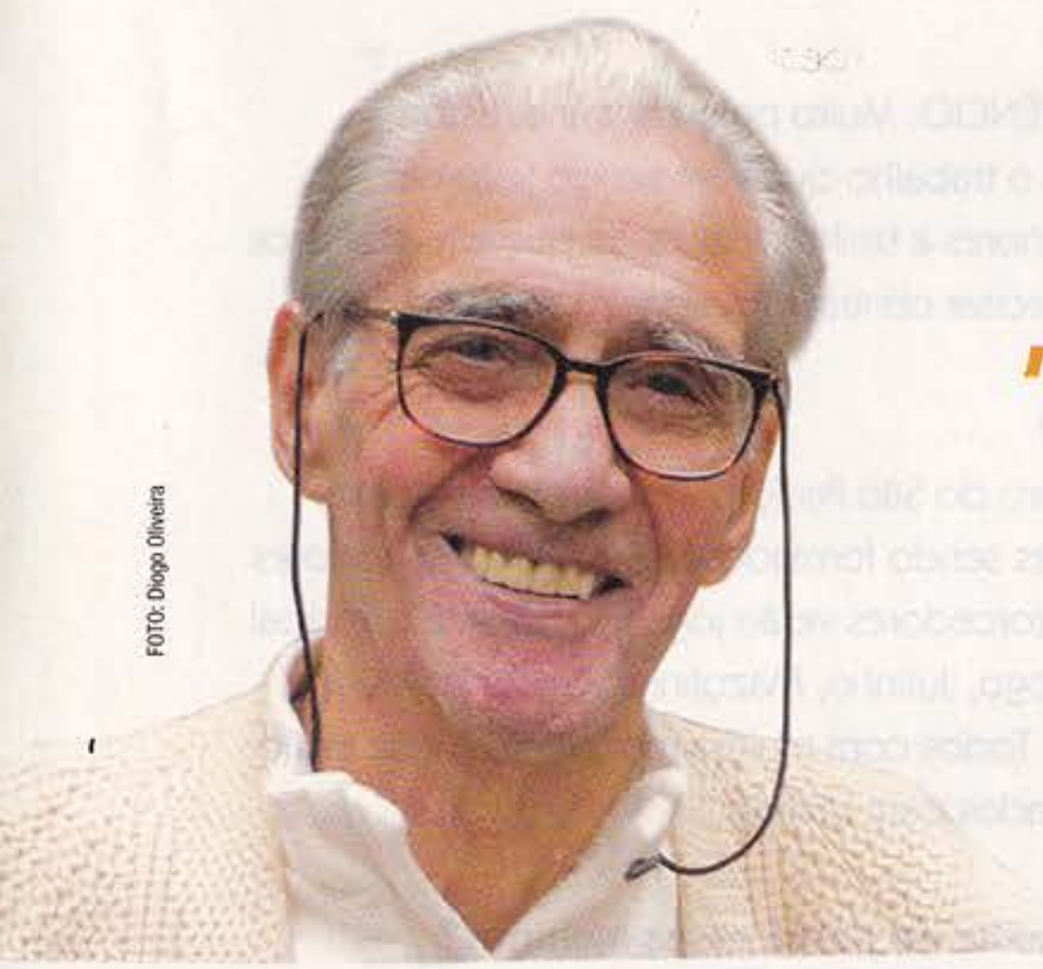


FOTO: Diogo Oliveira

Ex-lateral defendeu o clube na década de 40

Aos 82 anos, o português Azambuja relembra com muito carinho da sua passagem pelo Tricolor, que ficou marcada pelo sucesso dos aspirantes

Ele vestiu a camisa da equipe profissional do São Paulo em apenas 33 partidas, e lá se vão quase 60 anos desde sua saída. Ainda assim, o português Azambuja é lembrado até hoje por onde passa pelo amor e carinho que dedicou ao seu clube de coração. Antonio Ferreira D'Azambuja tem hoje 82 anos de idade, mas segue defendendo com unhas e dentes o Tricolor.

Aposentado, ele vive numa casa modesta com a filha Célia, na zona norte de São Paulo. Um de seus passatempos prediletos é relembrar a época de jogador. Dono de uma oratória invejável, Azambuja também demonstra memória quase infalível para descrever com detalhes sua passagem de dez anos pelo Mais Querido, entre 1939 e 49.

"Cheguei ao São Paulo com 14 anos de idade. O saudoso Feola me viu numa pelada e pediu minha contratação", conta, referindo-se ao então diretor tricolor, que também foi técnico. "O difícil foi convencer meu pai, inspetor da Guarda Civil, a aceitar a idéia. O Feola e o tenente Porphírio da Paz (um dos fundadores do clube) tiveram que ir à minha casa para resolver o assunto pessoalmente", relembra o são-paulino.

O mais interessante é que Azambuja ganhou *status* de são-paulino roxo tendo conquistado apenas um título como titular – o Paulistão de 1949. "Passei boa parte da década de 40 jogando nos aspirantes. Mas isso não me impediu de ser conhecido, porque aquele nosso time era bom demais. Muitos torcedores chegavam mais cedo ao Pacaembu para nos ver jogando."

COMEÇO INUSITADO

Azambuja se diverte ao ver o avanço das bolas usadas no futebol atual. Seu primeiro contato com o esporte ocorreu em Portugal, numa época bem diferente. "A gente jogava com bexiga de porco", recorda, com saudosismo. Aos oito anos, ele veio com o restante da família para o Brasil em busca de uma vida menos difícil financeiramente.

Azambuja com o quadro do time aspirante campeão de 1942

FOTO: Diogo Oliveira

No campinho do Germânia, já em São Paulo, Azambuja começou a mostrar habilidade e muita determinação. Com o apelido de Portuga, chegou ao Tricolor para a categoria juvenil. Se a adaptação à bola de couro foi tranqüila, o mesmo não se pode dizer em relação à chuteira. "Eu só jogava descalço e foi um sacrifício imenso me acostumar. Tinha vezes em que, no meio do jogo, eu tirava a chuteira do pé. Aí vinha o árbitro e me mandava pôr de novo", afirma, rindo.

Quando passou ao time juvenil, em 1941, Portuga mostrou outra característica bem pessoal: não aceitar firula. "Uma vez, fizemos um jogo-treino com o time principal e o Feola falou para o Tim, um driblador e tanto, não fazer gracinha depois que passasse por mim. No primeiro lance, ele me driblou e parou. Não tive dúvida: dei no meio dele." A cena se repetiu minutos depois. "Ele foi reclamar com o Feola, que não deu bola e falou que já tinha dado o aviso."

O português também guarda com carinho outro momento no clube. "Eu fiz parte do primeiro time do São Paulo campeão na categoria juvenil. Isso foi em 1942 e não esqueço da escalação com: Noveli; Savério e Tristano; Justi, Bauer e Azambuja; Pinho (Cascãozinho), Serginho, Antoninho, Rubens e Leopoldo", diz o ex-jogador, que iniciou a carreira como lateral-esquerdo, porém atuou como meia na equipe principal.

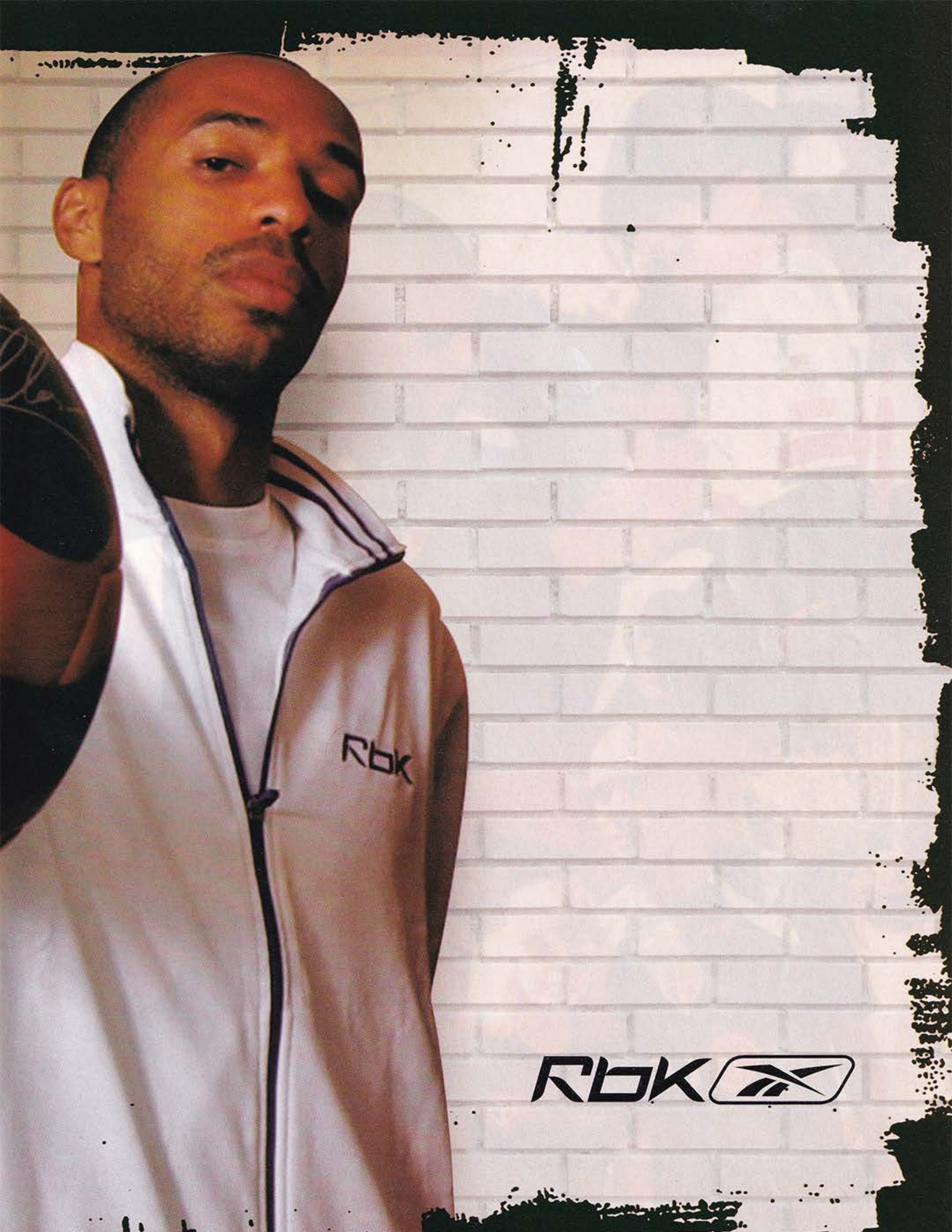
EM VÁRIAS FRENTES

A mesma polivalência que demonstrava em campo, enquanto se dividia entre lateral-esquerdo e meia, Azambuja apresentou desde que encerrou a carreira de jogador. Ele deixou o Tricolor em 1950, ao perceber que seria provavelmente eterno reserva de Bauer. No entanto, Feola defendia sua permanência e recusou negociá-lo com o Flamengo. Então, aos 25 anos, o meia teve de se contentar em defender o Noroeste. Ao contrário de hoje, futebol naquela época pagava mal. Em clubes pequenos, pior ainda. Azambuja também tentou a sorte no Juventus e na Ferroviária, mas resolveu abandonar a bola para levar dinheiro para casa. "Tinha esposa e três filhos. Então, pedi emprego ao Paulo Machado de Carvalho, na TV Record, onde fiquei 50 anos."

Azambuja mostrou talento ainda como vendedor de tecidos. Hoje, tem quatro filhos e três netas. Sua maior preocupação é com a saúde. O português já fez três cirurgias para colocação de pontes de safena e sofreu um aneurisma. "Tomo seis remédios por dia. Pelo menos, consegui combater a depressão que me acompanhou por anos", comemora.

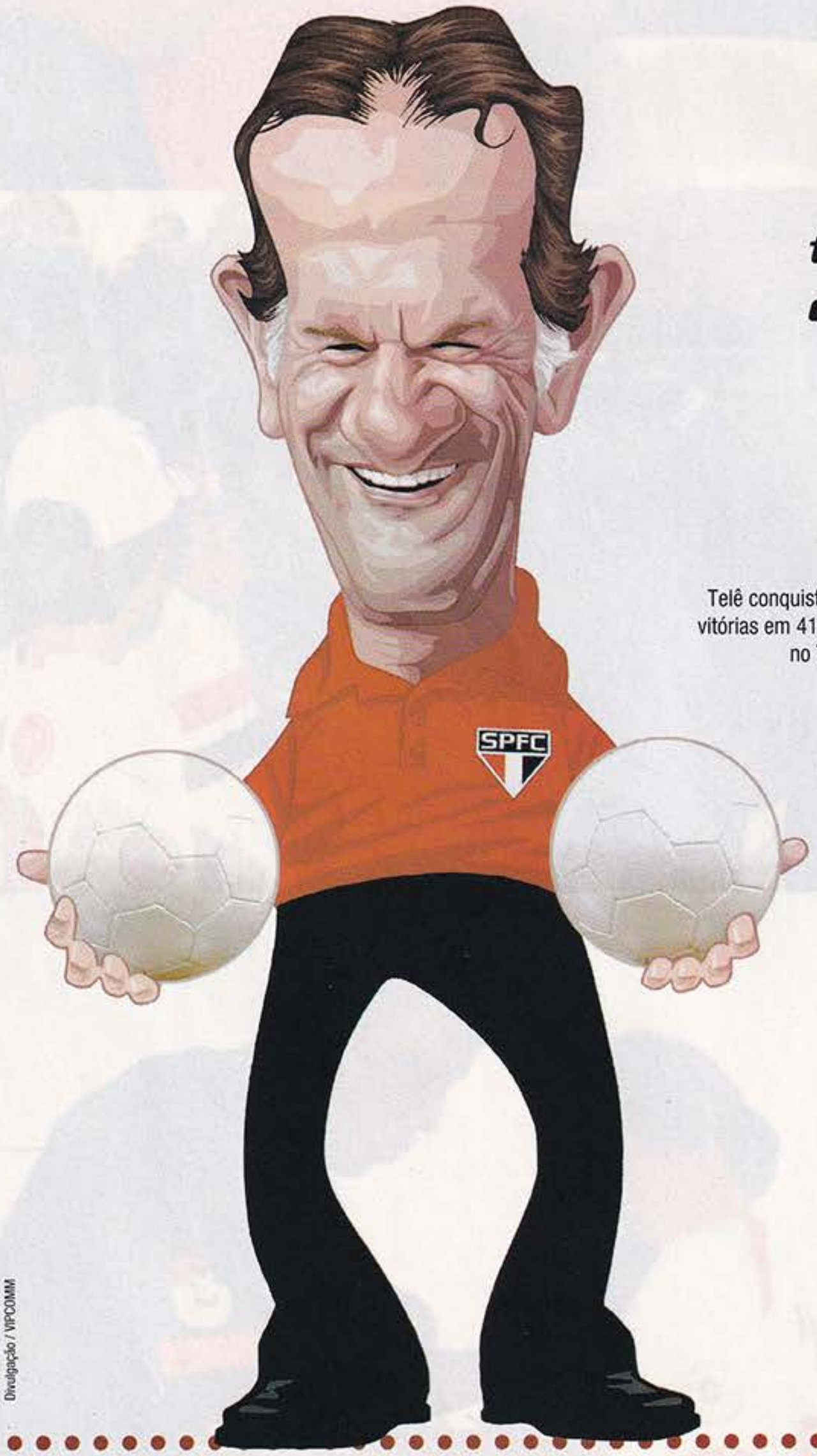
FOTO: Diogo Oliveira

adidas
TIERRY HENRI
i am what i am


Rbk
Rbk

FOTOS: Diogo Oliveira

CAUSOS DO MESTRE TELÊ



Telê conquistou 197 vitórias em 410 jogos no Tricolor

Divulgação / VIPCOMM

Teimosia, mau humor, perfeccionismo e estilo pão-duro do técnico mais vitorioso da história do Tricolor rendem até hoje muitas histórias imperdíveis

Telê Santana da Silva deixou bem mais do que uma extensa coleção de títulos em sua segunda passagem pelo Morumbi. O técnico mais vitorioso da história são-paulina foi protagonista de causos dos mais variados, por suas características inconfundíveis. Em homenagem à memória deste mineiro com cara e alma tricolor, a **Revista do São Paulo** voltou no tempo e ouviu personagens que fizeram o dia-a-dia com o Mestre Telê entre outubro de 1990 e outubro de 1995 – ele ainda esteve no clube em 1972.

Apaixonado por futebol, Telê foi bem mais do que um técnico de futebol. "Ele era um legítimo professor, porque ensinava os

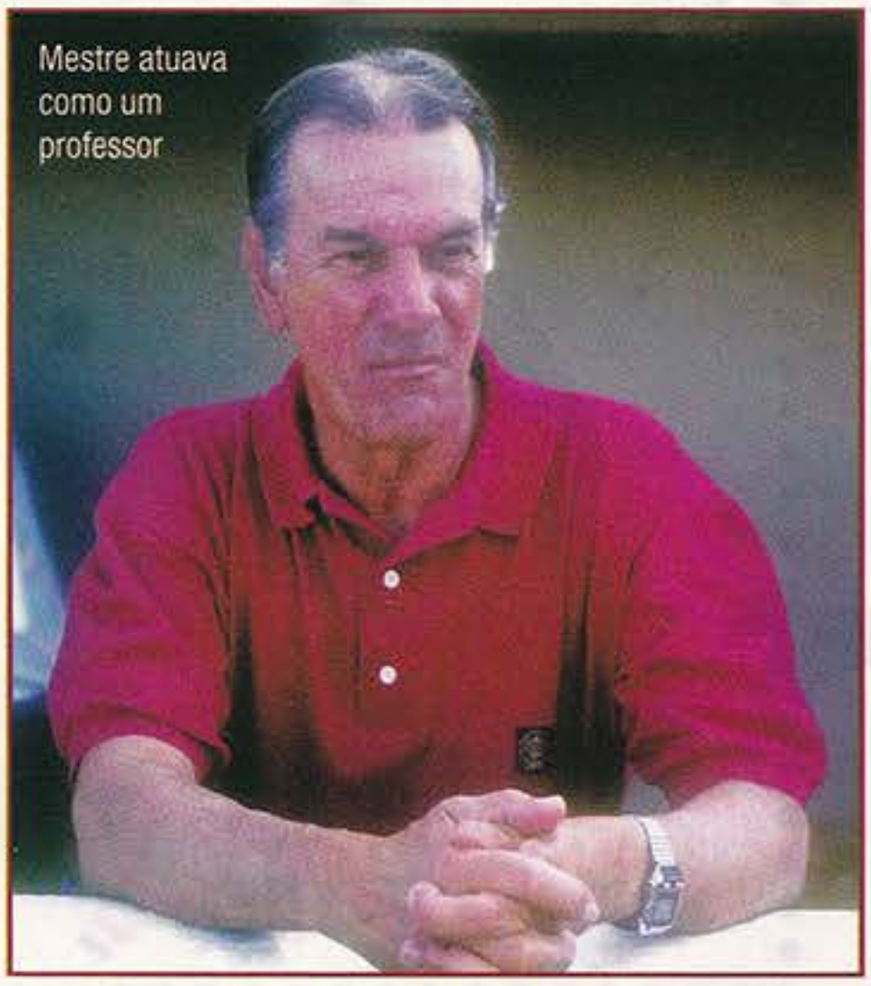

Mestre atuava como um professor

FOTO: Diogo Oliveira

jogadores", relembra Raí, dono da camisa 10 na época áurea do Tricolor. "Não tinha como não aprender. E o Telê sabia o que falar para goleiro, zagueiro, meia, atacante...", garante o ídolo, apontando-o como o maior treinador com quem já trabalhou.
Porém, o lado professor de Telê foi marcado pela exigência.
"Eu sofri na mão do seu Telê, viu", confessa Palhinha, meia do bicampeonato mundial. "Lembro que ele ficou bravo depois que perdi dois gols de cabeça num jogo. No dia seguinte, após o treino, ele me fez cabecear bolas até meu nariz sangrar. Foram uns 40 minutos debaixo de uma tempestade incrível. Ele cruzava e eu cabeceava."
Cenas como esta se tornaram extremamente comuns durante a Era Telê. E não faltavam vítimas. "O seu Telê sempre achava defeito em todo mundo, mas os que mais sofriam eram Palhinha, Elivélton, Cafu, Vitor e Macedo", ressalta o goleiro Zetti. "O Cafu, por exemplo, errava muitos cruzamentos e o seu Telê ficava maluco. Teve uma hora que o Cafu resmungou: 'Então faz você'. O Telê olhou bem para ele, foi até seu lugar e cruzou com perfeição. Todo mundo ficou impressionado."

O GUARDIÃO DO CT

A passagem de Telê Santana pelo Tricolor na década de 90 serviu para acabar com a fama de pé-frio que o acompanhava por causa da perda dos títulos nas Copas do Mundo de 1982 e 86 com a seleção brasileira. Nos cinco anos no Morumbi, o mestre ainda encontrou tempo para mostrar seu lado fiscalizador. "Parecia que ele tinha 100 olhos, pois sabia tudo o que acontecia lá", adverte o ex-atacante Müller.
Telê tinha uma preocupação exagerada com a vida de seus atletas. Queria profissionais dedicados em tempo integral, inclusive nos dias de folga, e se metia em tudo. Ele aproveitava o fato de morar num dos quartos do CT para se manter informado do que faziam do goleiro ao ponta-esquerda.
"Eu vivi no CT durante dois anos, e para meu azar ficava no quarto em frente ao do professor", conta Pintado, hoje técnico do São Caetano. A vizinhança com o chefe interferia muito na vida do então volante e de seu companheiro de quarto, Ronaldo Luiz. "Não éramos malucos de pôr o som alto nunca. Também tínhamos que acordar cedo. Às 5h30 da manhã, escutávamos o professor levantando e, antes dele bater na nossa porta, já estávamos de pé."
O treinador tinha uma importante rede de informantes dentro do centro são-paulino, para azar da grande maior de garotos, que moravam no CT. Seguranças, jardineiros, faxineiros e cozinheiros contavam tudo o que se passava ao mestre. Uma das normas impostas era de que, quem quisesse sair, tinha de estar de volta até as 22 horas. Caso contrário, dormiria fora do CT.
"Mas o Telê não gostava que a gente saísse nem nas horas vagas", revela o ex-atacante Macedo. No auge da juventude, os são-paulinos tentavam dar um jeitinho de cair na noite sem que o professor

Cafu foi um dos que mais sofreu e aprendeu com o treinador

Divulgação / MIPCOMM

soubesse. "E não adiantava querer comprar o segurança, porque o Telê deixava claro que mandaria embora o profissional que o enganasse", ressalta Elivélton. Uma vez, o ponta-esquerda voltou ao CT às 22h30, foi barrado e precisou se virar para arranjar um lugar para dormir. "Aí, reapareci às 6 horas do dia seguinte, com a esperança de entrar no quarto antes de o Telê estar de pé. Mas ele me aguardava na porta e deu a maior bronca", revela, caindo na gargalhada.

MÃO-DE-VACA INCORRIGÍVEL

O futebol ensinou Telê Santana a economizar dinheiro, mas ele exagerou na dose. Entre os vários exemplos, um retrata bem o estilo mão-de-vaca do bicampeão mundial com o Tricolor. Apesar de ter um apartamento em São Paulo, ele preferia morar no CT. "Assim, ganho dinheiro alugando o apartamento e ainda economizo uns trocados com comida, água e luz", dizia aos amigos mais próximos. A família morava em Belo Horizonte e o mestre tinha táticas para gastar pouco com telefone. Acredite se quiser, mas Telê ligava a cobrar para Minas Gerais, para que quem estivesse do outro lado da linha ouvisse aquela conhecida música e fosse breve. Então, o treinador perguntava se estava tudo bem e se despedia. Quer mais? Pois saiba que Telê tinha uma Mercedes branca, linda, que havia ganhado de um xeque na época em que trabalhara na Arábia. Mas ele nunca tirava o carro da garagem, para economizar gasolina. Só andava de carona.

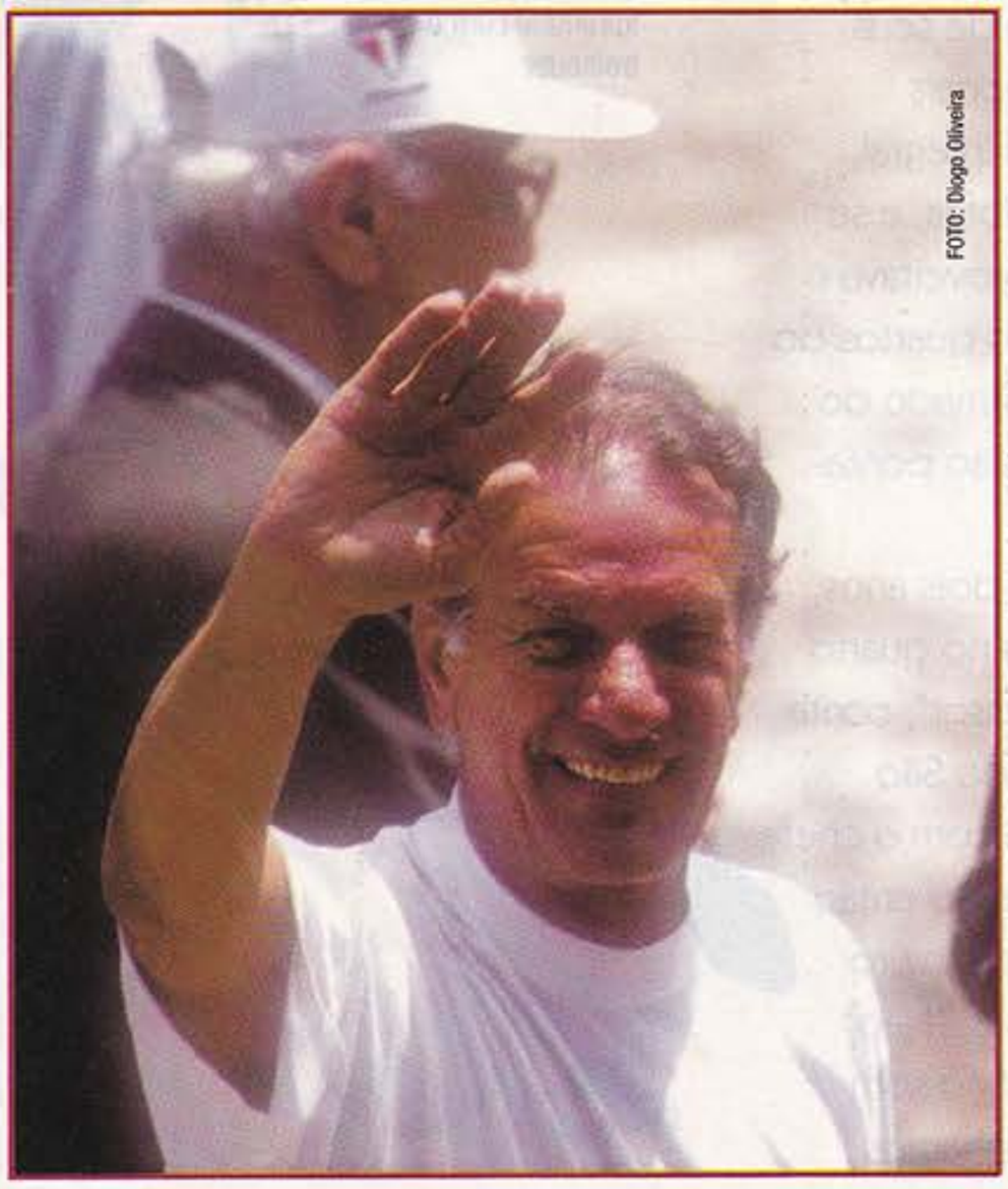


FOTO: Diogo Oliveira

"O professor vivia dizendo que tínhamos de guardar o dinheiro, e lembrava vários jogadores de sua época que acabaram ficando miseráveis depois de pararem", conta o ex-zagueiro Ronaldão. "Quem aparecesse de roupa muito cara levava cada ralho do Telê", admite o ex-lateral-direito Vitor.

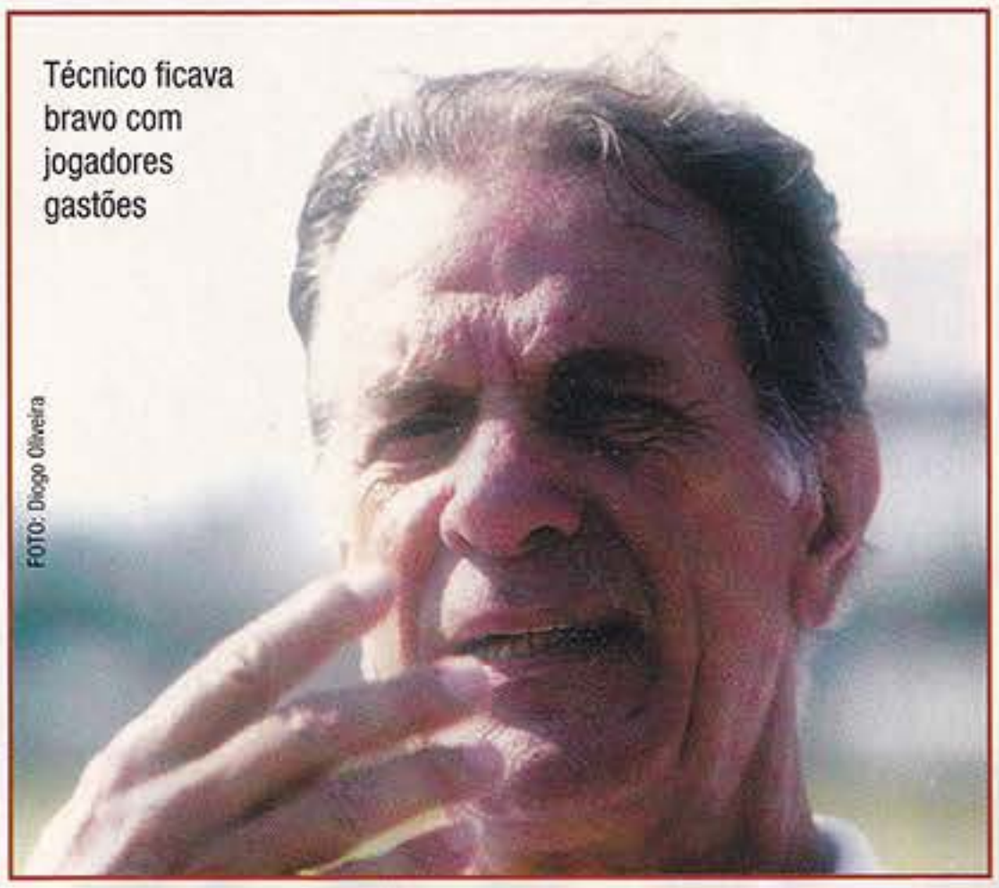
Rogério era o parceiro de tênis de Telê

Divulgação / WWW.COM

Palhinha perdeu a conta das vezes em que teve de mostrar o Imposto de Renda para o treinador. "Ele não se conformava com a quantidade de carros que eu tinha. De tanto sermão que levei, passei a esconder meus carros novos, e ele desconfiou. Então, exigiu que eu apresentasse meu imposto todo o ano para ele verificar", diz o ex-meia, sem negar a paixão por supermáquinas. "Cheguei a ter 13 carros. Ficava alguns meses com uma BMW, por exemplo, e já trocava por outra marca."

MESTRE E ROGÉRIO CENI

Maior ídolo da história do São Paulo, Rogério Ceni não esquece de Telê Santana. Afinal, foi o mineiro quem deu a primeira chance de jogar como profissional ao goleiro. "Estreei numa partida na Espanha, em 1993. O Telê nem viajou, mas tinha deixado a ordem para o Valdir Joaquim de Moraes que seria eu quem começaria a partida", conta. Poucos sabem, mas Rogério Ceni



Técnico ficava bravo com jogadores gastões

FOTO: Diogo Oliveira

era o principal companheiro de tênis do treinador. "Nos dias de concentração, eu chegava um pouco mais cedo ao CT para jogar com ele", diz. "Para a idade que tinha, o Telê jogava bem. Batia a bola com *slice*, e eram partidas duras. Mas, como eu tinha um preparo físico melhor, ganhava todas", acrescenta o goleiro, que só não ousava impor placares elásticos. "Era sempre 6-4 ou 7-5."
Uma das três broncas que levou de Telê foi conseqüência das tardes de tênis. "Lembro que apareci no CT em cima da hora do jogo e estava morrendo de fome. Não daria tempo de comer e ir para a quadra, então pedi para o João, da cozinha, me levar uma maçã. Aí, quando o Telê foi buscar uma bola no canto da quadra, falei para o João atirar a maçã, mas ele viu e gritou: 'Você vai comer ou jogar?'"

Raí era um dos líderes do grupo de Telê

Divulgação / VIPCOMM

As outras duas repreensões também não são esquecidas até hoje. "Uma vez, sentei em cima de uma mesa na recepção do CT e o Telê, quando viu, perguntou se eu fazia isso também na minha casa", recorda. "A outra bronca que levei foi na volta da viagem no México. Na época, o *discman* estava na moda e eu tinha comprado um. Enquanto eu reclamava com o doutor Sanchez que tinha pagado US$ 6 para comprar pilhas, o Telê passou e ouviu. Na mesma hora, quis saber se eu estava rico para gastar tanto com simples pilhas."

CRIA DO MESTRE

O estilo rabugento, o currículo vitorioso e o conhecimento de futebol fazem com que Muricy Ramalho seja comparado com freqüência a Telê Santana. Nada mais normal, até porque o atual comandante são-paulino é uma cria de Telê. A dupla trabalhou junta entre 1990 e 95, quando o mestre teve de abandonar o futebol por causa de problemas de saúde.

"O São Paulo aprendeu muito com seu Telê. O CT da Barra Funda só é tão bom hoje em dia por causa do esforço dele", justifica Muricy, que também admite ter aprendido muito com o antigo chefe. "Procuro carregar o espírito determinado, trabalhador e dedicado do seu Telê", acrescenta o treinador, campeão da Copa Conmebol com o Expressinho são-paulino em 1994.
Uma isquemia cerebral sofrida no começo de 1996 afastou Telê do comando do São Paulo. Os problemas de saúde impediram o treinador de voltar a exercer a função que tanto gostava. Em 2003, em decorrência da doença, ele teve parte da perna esquerda amputada após cirurgia de revascularização. Até que no dia 21 de abril de 2006, aos 74 anos, o mestre são-paulino partiu para o andar de cima.

NÚMEROS DE TELÊ

Jogos no Tricolor: 410
Vitórias: 197
Empates: 122
Derrotas: 91
Principais títulos: bi do Mundial Interclubes (1992 e 93), bi da Libertadores (1992 e 93), bi do Paulistão (1991 e 92), Brasileirão (1991), Supercopa (1993) e Recopa Sul-americana (1994)

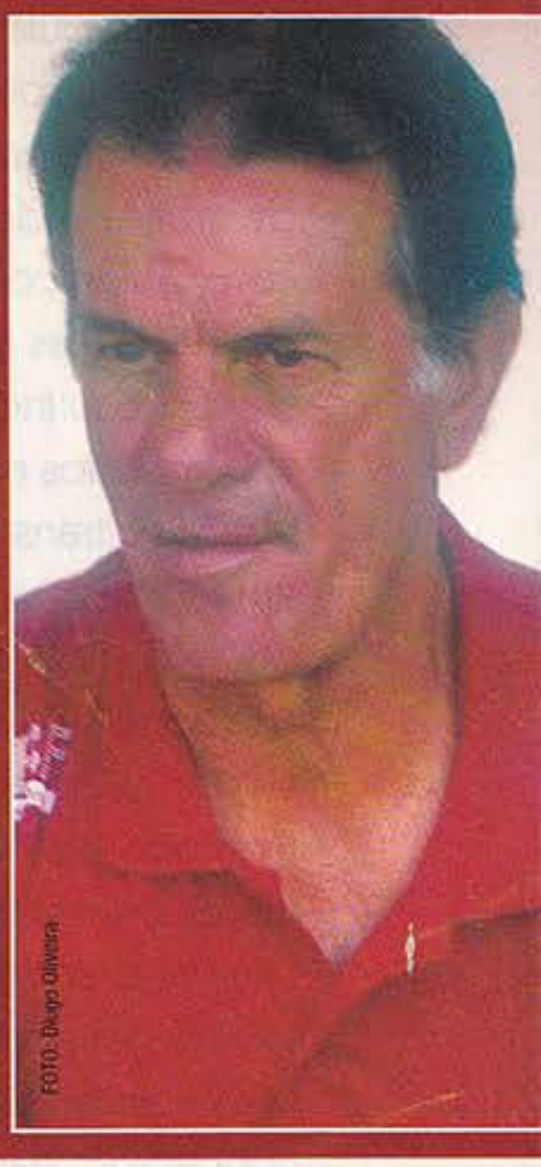


FOTO: Diogo Oliveira

DÉCADA DOURADA

São Paulo dominou os anos 40 com cinco títulos estaduais, que quebraram o estigma de clube pobre e pouco popular que carregava até então

A década de 40 tinha tudo para ser trágica para o São Paulo. Recém-criado, o Tricolor era o menos popular entre os clubes da cidade, sofria com a falta de recursos financeiros e dispunha de uma sala de troféus pobre, com um único título, o Paulista de 1931. Mas a capacidade de são-paulinos dedicados e apaixonados mudou o rumo da história e transformou os anos 40 em fartura.

Durante esses dez anos, o Tricolor deu de ombros para a crise mundial, reflexo da Segunda Guerra, e faturou cinco títulos estaduais – até hoje, o São Paulo só foi capaz de repetir tal feito na década de 80. O Rolo Compressor, como era conhecido, garantiu as taças de 1943, 45, 46, 48 e 49. O torcedor se acostumou tão mal que ia ao estádio preocupado em adivinhar o placar da goleada, e não se o Tricolor venceria.

O mérito da década dourada, porém, não pode ser atribuído especificamente ao genial atacante Leônidas da Silva, ou ao multiuso Vicente Feola, tampouco a um dos seis presidentes do período. A união literalmente fez a força e transformou um clube pobre no respeitado São Paulo Futebol Clube. A façanha daquela era não foi repetida sequer pela geração de Telê Santana, bicampeã mundial. Para se ter uma idéia, o Tricolor da década de 90 teve três estaduais (1991, 92 e 98).

SEGREDOS DA MÁQUINA

A estratégia são-paulina para montar o Rolo Compressor foi muito bem arquitetada. Sem dinheiro em caixa, o primeiro passo era construir bons times nas categorias de base, para colher frutos. Em pouco tempo surgiram o lendário goleiro King, o

FOTOS: Arquivo São Paulo

Vicente Feola (à direita) conversa com Joreco; técnicos foram decisivos na década de 40

zagueiro Savério, os meio-campistas Bauer e Azambuja, e o atacante Teixeirinha.

O segundo passo saiu da vivacidade de Feola, então coordenador do Tricolor, e o presidente Décio Pacheco Pedroso, que ficou de 1941 a 46. Eles criaram uma rede de olheiros espalhada por todo o Brasil para identificar jogadores que brigavam em seus times.

Zezé Procópio se indispôs com companheiros de Botafogo e acabou contratado a preço de banana. Meses depois, Noronha se desentendeu com Zarzur e o Vasco foi obrigado a liberar o primeiro quase de graça.

Em 1942, a tacada de mestre: o Tricolor juntou tudo o que tinha e pagou 200 contos de réis por Leônidas da Silva, grande astro do futebol mundial. Houve quem achasse tal transferência cara, mas o artilheiro da Copa do Mundo de 1938 valeria bem mais se não fosse um episódio marcante. "Ele estava preso por ter falsificado o certificado de reservista. Então, o presidente Décio mexeu seus pauzinhos, garantiu sua saída da cadeia e o trouxe", recorda Azambuja.

A rede de olheiros ainda assegurou as aquisições do argentino Sastre, considerado em final de carreira no seu país; de Mauro, zagueiro que se destacava defendendo a seleção de Poços de Caldas, local da pré-temporada do Tricolor; e o próprio Zarzur, que praticamente colocou Noronha para fora do Vasco. Detalhe: no São Paulo, eles se tornaram grandes amigos.

Ao menos o São Paulo garantiu a aquisição do Canindé, em outra grande prova de astúcia. O estádio pertencia a um clube alemão, que o vendeu por um valor bem abaixo do mercado, em conseqüência das perseguições que sofria por causa da Guerra Mundial. Em 1945, já de casa nova, a constelação são-paulina não tomou conhecimento dos concorrentes e levou a taça com cinco pontos de vantagem para o vice-campeão Corinthians.

Achou muito? Que nada. O Paulistão de 1946 deu o sonhado bicampeonato, com direito a uma façanha: conquista sem derrota. Foram 20 jogos, com 17 vitórias e três empates. O título de 47 escapou, mas a resposta do poderoso São Paulo não demorou. Mais um bicampeonato estadual, em 1948 e 49, com Santos e Palmeiras como vice-campeões, respectivamente.

TÍTULOS E MAIS TÍTULOS

A série de conquistas na década de 40 começou em 1943, após empate por 0 a 0 com o Palmeiras, no Pacaembu. Os comandados do técnico Joreco somaram 33 pontos em 40 possíveis (na época em que a vitória valia dois pontos), superando Corinthians e Palmeiras. No ano seguinte, Leônidas e seus companheiros quase deram o bi ao Tricolor, mas foi o Palmeiras quem levou a faixa.

Ao menos o São Paulo garantiu a aquisição do Canindé, em outra

1943: King, Piolin e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Técnico: Joreca.

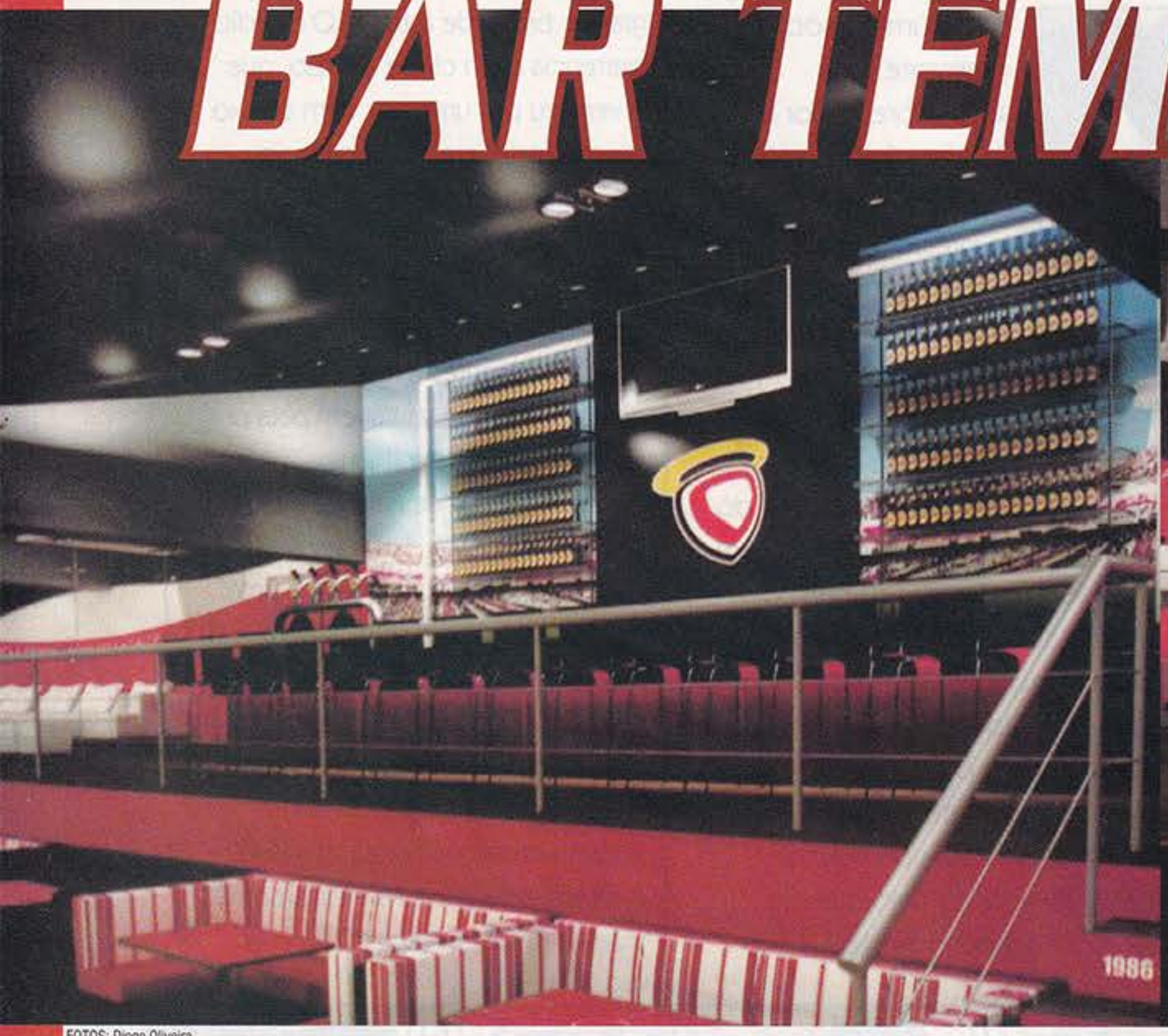
1945: Gijo, Piolin e Renganeschi; Bauer, Zarzur e Rui; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha. Técnico Joreca.

1946: Gijo, Piolin e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha. Técnico Joreca.

1948: Mário, Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; China, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeirinha. Técnico Vicente Feola.

1949: Mário, Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeirinha. Técnico Vicente Feola.

BAR TEMÁTICO



Obras para construção do Santo Paulo Bar já começaram e inauguração da casa no Morumbi está prevista para julho

FOTOS: Diogo Oliveira

Marque em sua agenda: o São Paulo inaugura na segunda quinzena de julho o primeiro bar temático construído dentro de um estádio brasileiro. Chamado de Santo Paulo Bar, o espaço tem a missão de reunir torcedores do Tricolor para encontros, aniversários, comemorações... Mais: a iniciativa faz parte do projeto Morumbi Concept Hall, que visa dar vida ao estádio do Morumbi.

"Nossos estádios foram projetados exclusivamente para receber jogos de futebol, mas existe a necessidade de criar receitas alternativas", explica o presidente são-paulino, Juvenal Juvêncio. A apresentação do bar temático ocorreu em 12 de maio, e contou com a presença da alta cúpula tricolor e da GRSA, empresa parceira no Santo Paulo.

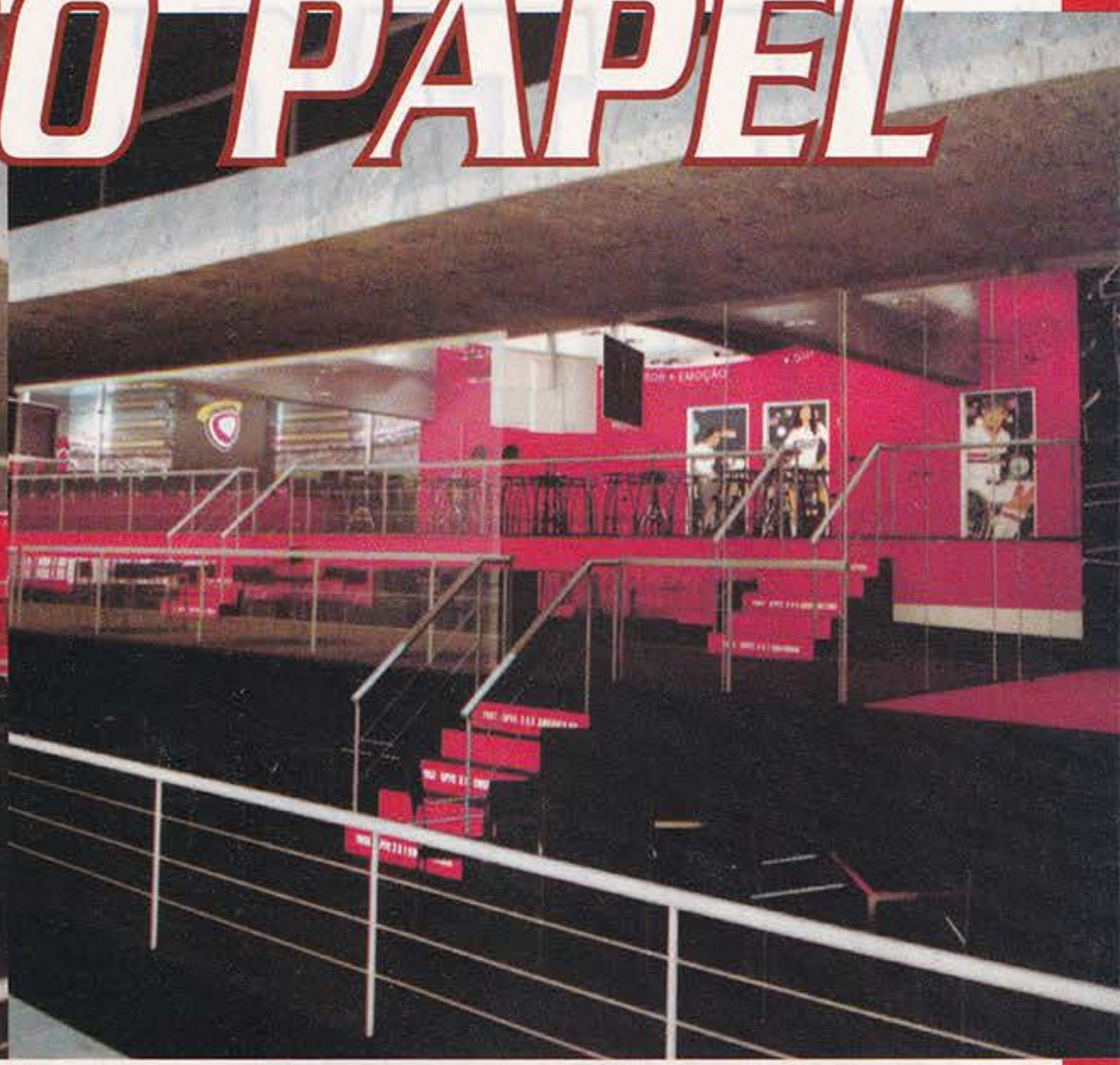
A casa será montada ao lado da Megaloja, no andar térreo do Morumbi, ao custo de R$ 1,9 milhão. Terá vista para o gramado e contará com 900 metros quadrados, suficientes para receber até 350 pessoas. Com a novidade, o estádio passa a ganhar vida também nas noites sem jogos. O local funcionará de quarta a domingo, das 12 horas até o último cliente.

Até então, o Morumbi recebia a presença de são-paulinos apenas no horário comercial, entre as 9 horas e as 18 horas, por conta da Megaloja e do Morumbi Tour. "Temos a certeza de que o Santo Paulo Bar fará muito sucesso e cairá nas graças de torcedores de todo o Brasil, como já ocorreu com a Megaloja, que hoje é a mais lucrativa entre os 16 pontos de venda da Reebok no Brasil."

CASA BEM SÃO-PAULINA

Os cuidados com os detalhes do bar tricolor dão noção da grandeza do projeto. Logo na chegada, o visitante passará por um tapete de grama sintética, para que se sinta no clima de um estádio. O local será todo decorado com objetos relacionados ao São Paulo. As mesas, por exemplo, serão idênticas às para futebol de botão. Enquanto o cliente espera pelo pedido, pode brincar à vontade com o velho jogo de palhetas e bolinha quadrada.

SAI DO PAPEL



O bar contará com três patamares, todos com vista para o campo. Telões estarão instalados em pontos estratégicos, para transmitir os jogos do Tricolor fora do estádio. A equipe do bar também se vestirá a rigor. Os manobristas usarão roupas de flanelinhas, os garçons irão se trajar como jogadores, as recepcionistas incorporarão líderes de torcida...

O mergulho no mundo do futebol valerá até na hora de pedir a conta. Basta ao cliente levantar o cartão vermelho para que o garçom entenda o recado. Durante a permanência, também não será necessário implorar pela presença do garçom. "O cartão amarelo será a indicação de que o cliente está esperando pelo atendimento", revela o diretor de marketing tricolor, Julio Casares.

PRATOS DE PRIMEIRA

O cardápio do Santo Paulo Bar também mereceu atenção especial. Serão servidas comidas rápidas, aperitivos, hambúrgueres, grelhados, saladas, massas, sobremesas, chope Sol e bebidas variadas. Todos os pratos terão nomes ligados à história do futebol. A qualidade está garantida pela GRSA, responsável pela alimentação em eventos como Super Bowl, Roland Garros e Wimbledon, a festa do Oscar, e dos clubes Chelsea e Manchester United.

"Nossa proposta é reunir, em um único ambiente, o conforto da casa do torcedor, o serviço de um restaurante de alta qualidade e a vibração de um estádio de futebol. Ficamos na torcida para que o lugar torne-se cadeira cativa para os apaixonados por futebol e apreciadores de um bom restaurante", afirma Paulo Pires, presidente da GRSA.

SERVIÇO:

Nome: Santo Paulo Bar
Inauguração: prevista para a segunda quinzena de julho
Dias e horários: de quarta a domingo, das 12h ao último cliente
Entrada: pelo portão 17
Capacidade: 350 pessoas
Pratos: comidas rápidas, aperitivos, hambúrgueres, grelhados, saladas, massas, sobremesas

"A TAÇA DO MU

FOTO: Arquivo São Paulo

Paulo Planet Buarque recorda memórias da conquista do primeiro título mundial da seleção, há 50 anos, que contou com grande colaboração do são-paulino Paulo Machado de Carvalho

Já aos oitenta anos e, infelizmente, um dos únicos sobreviventes dentre os que participaram do que se denominou "Plano Paulo Machado de Carvalho", espécie de projeto relacionado com a possível vitória do Mundial de 1958, na Suécia, o primeiro vencido pelo Brasil, sou solicitado a contar como foi possível vencer aquele certame, depois dos inequívocos fracassos de 1950, em pleno Maracanã, e depois na Suíça, em 1954.

Tento reviver a história! Tudo começou quando ainda em 1957 Paulo Machado de Carvalho foi convidado por João Havelange, que era o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, para assumir o cargo de principal responsável pela seleção. Antes de aceitar, Paulo me chamou para um encontro. Ele queria minha opinião. Disse-lhe, com toda sinceridade, que considerava o convite uma enorme honra, pois jamais alguém do São Paulo fora convidado pela entidade máxima do

UNDO É NOSSA"

futebol brasileiro. Mas condicionei, desde logo, se o fosse com absoluta autoridade.

Ele se tornou o homem forte e começou a montar sua equipe com a ajuda minha, de alguns companheiros da crônica esportiva – Ary Silva, Flávio Iazetti – além de Vicente Feola. Ficou claro para mim desde o início que Feola acabaria sendo o técnico da seleção, pois Paulo tinha personalidade forte e entendia que deveria sugerir e impor idéias relacionadas com os jogadores e mesmo o time que deveria jogar, pois era conhecedor profundo do futebol, sem nenhuma dúvida.

Nas semanas seguintes, esta turma passou a se reunir semanalmente para pensar em soluções. Dou, aliás, um exemplo: pela primeira vez na história do futebol brasileiro, verificar-se-ia o estado dentário de cada jogador! Os exames médicos deveriam ser os mais completos, inclusive com exames de sangue, pois queríamos atletas na verdadeira expressão da palavra.

Outro aspecto considerado era chamar atletas capazes de entender o significado para o país de um título mundial, ainda que ficassem fora alguns dos astros da época. Por unanimidade, decidimos que o então preparador físico do Botafogo, Paulo Amaral, que era sargento da Polícia Militar, ficaria com a missão de cuidar do corpo dos jogadores. Como foi unânime a decisão de se convocar o médico Hilton Gosling, do mesmo Botafogo, reconhecidamente de altíssima competência.

Também foram lembrados o diretor Carlos Nascimento e o massagista Mario Américo, a quem coube, justiça se lhe faça, a permanência de Pelé no grupo dos convocados.

Depois, vieram os primeiros treinos. O time que enfrentou a Fiorentina em jogo-treino na Itália aos poucos foi se transformando, fosse por necessidades técnicas ou circunstâncias diferenciadas, como o ingresso de Garrincha, que foi a pedido mesmo de Nilton Santos e Didi a Paulo Machado de Carvalho. A substituição de Mazzola por Vavá e a entrada de Zagalo, para cobrir os espaços deixados pela subida de Garrincha, vieram na seqüência.

A partir do jogo com a União Soviética, Pelé, curado, entrou no time para nunca mais sair, até o instante da sua aposentadoria.

Tínhamos uma defesa hermética, apropriada para o jogo aéreo que os europeus praticavam, pois De Sordi, Belini e Orlando eram exímios cabeceadores. Éramos fortíssimos no defender e exatamente capazes e produtivos no atacar.

Para ganhar um Mundial, não basta ter um grande time, mas também uma direção hábil e aglutinadora. Paulo Machado de Carvalho teve de brincar de "esteje preso" quase todos os dias com Garrincha, que era um enorme talento mas, sem dúvida, um cérebro de criança. Cada uma daquelas partidas teve sua história própria. Não há como esquecer que na final, no gol dos suecos, os donos da casa, Didi foi até o gol, pegou a bola, caminhou de volta para o meio-campo dizendo a todos: "Nada de preocupações, pois vamos virar o jogo e o título".

Lembro do pânico causado nos nossos jogadores quando a Suécia entrou em campo com a camisa amarela, pois haviam sido informados que éramos supersticiosos. Paulo Machado de Carvalho então convocou todos para seu quarto, mostrou a imagem de Nossa Senhora Aparecida, e falou que foi ele quem decidiu que o Brasil jogasse de azul, cor do manto que recobria a estátua. O que, claro, mudou o ânimo, o entusiasmo e mesmo a fé dos nossos jogadores.

Não podemos, em que pese todos os demais títulos, ignorar aquela que foi a primeira grande demonstração internacional da imensa qualificação do futebol brasileiro. Homenageamos adequadamente os seus heróis, pois, enfim, o esquecimento é o pior dos procedimentos.

“A TORCIDA TEM SIDO NOSSO 12º JOGADOR!”

FOTO: Diogo Oliveira

Muitas vezes, por conta da pressão por resultados e da maratona de jogos, a gente só tem tempo para falar dos jogadores. Para comentar se foram bem, mal, quem vai ser vendido, quem será contratado... Mas eu queria aproveitar o espaço para agradecer a participação da torcida do São Paulo neste ano. Tudo o que um time em formação precisa é de apoio, e é isso que temos recebido dos são-paulinos desde janeiro.

Acho que eles têm aplaudido até demais. Às vezes a gente nem merece tanto reconhecimento, mas o pessoal entendeu o esforço feito por todos. E isso merece ser louvado. Não dá para esconder que o São Paulo sofreu com uma série de contusões desde que o ano começou. Alex Silva, André Dias, Alex Bruno, Aloísio, Dagoberto, Jorge Wagner... Também teve o problema com as suspensões, com as inscrições de alguns atletas, com as saídas do Leandro e do Souza. Desta maneira, houve uma dificuldade para repetir o time. Até agora, não consegui montar a mesma equipe para duas partidas seguidas, e é óbvio que o trabalho fica prejudicado. Essas mudanças constantes fazem com que o entrosamento demore um pouco. O detalhe importante é que eu não precisei vir à imprensa para pedir calma, compreensão ou paciência dos torcedores.

Eles souberam entender que tantos fatores influenciaram no desempenho do time no Paulistão, mas nem por isso deixaram de estar com a gente na Libertadores. Fomos empurrados por quase 62 mil pessoas na partida contra o Fluminense, e olha que o jogo começou às 10 horas da noite: Além do horário ruim, tem a dificuldade com transporte, a falta de segurança... Mas ninguém deu bola para isso e encheu o Morumbi. Com essa união, tenho certeza que ainda vamos chegar muito longe ao longo desta temporada. ”

MURICY RAMALHO

UM SHOW DE GINÁSTICA

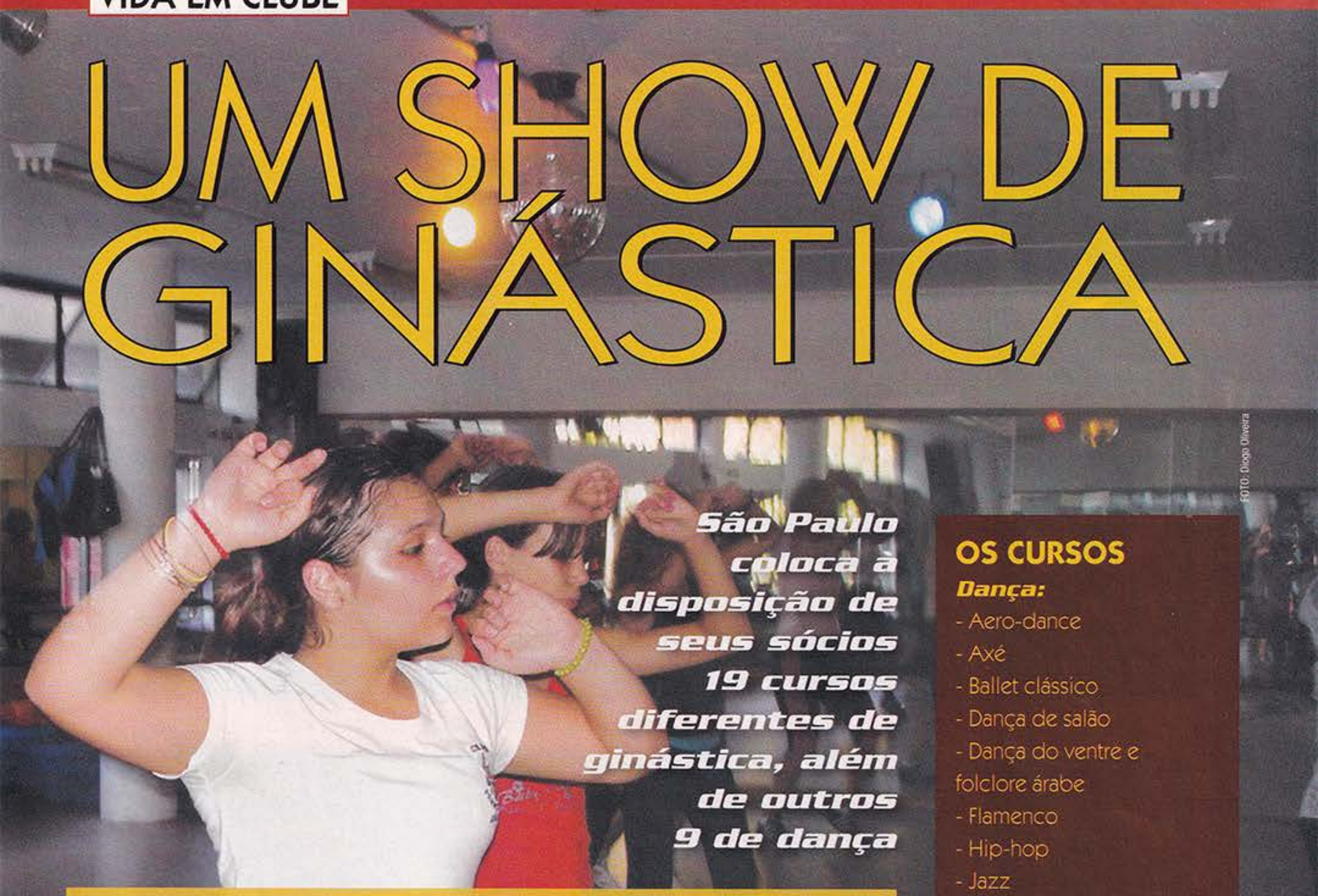


FOTO: Diogo Oliveira

São Paulo coloca à disposição de seus sócios 19 cursos diferentes de ginástica, além de outros 9 de dança

Abdominais, combat/boxe, localizada, pilates, step, ioga... O associado do São Paulo tem uma série de cursos de ginástica e dança à disposição dentro do próprio Morumbi. E o melhor é que os 28 tipos de aula custam a partir de R$ 21, preço bem inferior ao praticado pelas grandes academias. "É importante dizer que contamos com os melhores professores do mercado e estamos sempre atentos para inovações de equipamentos", destaca Simone Schwartzmann, diretora-adjunta da ginástica feminina.

O Tricolor reserva boa parte de sua área social aos 1.300 alunos matriculados nos cursos de ginástica e dança. São cinco salas recém-reformadas, com materiais modernos e atualizados. "Ainda temos a idéia de construir uma nova sala, específica para alongamento, pilates e ioga. Ela teria iluminação, piso e acústica especialmente projetados para essas modalidades", explica Simone.

Os alunos inscritos na ginástica ou em qualquer atividade de dança ainda têm direito de usar as esteiras e bicicletas da parte de *fitness* do próprio clube, sem acréscimo de valor. Aqueles que se dispuserem a gastar R$ 41 entram para o plano VIP, que permite a participação em qualquer aula e horário. "A programação é bem extensa e prevê atividades de terça à sexta, das 7 horas às 22 horas, e de sábado das 7 horas às 13 horas", informa a diretora-adjunta.

Para se inscrever em quaisquer dos cursos, basta procurar a secretaria do clube, onde também estão os horários das aulas. "Aqui contamos com alunos de seis a 80 anos, que usufruem da segurança de um clube e ainda têm a oportunidade de conquistar novos amigos", completa Simone.

OS CURSOS

Dança:

- Aero-dance
- Axé
- Ballet clássico
- Dança de salão
- Dança do ventre e folclore árabe
- Flamenco
- Hip-hop
- Jazz
- Sapateado

Ginástica:

- Abdominais
- Aeromix
- Alongamento
- Combat/boxe
- Condicionamento físico
- Circuito Fat Burn
- Ginástica masculina
- Ginástica Postural
- Jump
- Localizada
- Melhor idade
- Pilates
- Local power
- High energy
- Ritmos
- SP bike
- Step
- Tai Chi Chuan
- Ioga

TABELÃO

PALMEIRAS	SÃO PAULO	ARBITRAGEM	SALDO
Marcos	Rogério Ceni	ÁRBITRO:	GOLS:
Élder Granja	Alex Silva	Wilson Luiz Seneme	1º TEMPO
Gustavo	André Dias	AUXILIARES:	Léo Lima (PA) - 22 min
Henrique	Miranda	Emerson Augusto de Carvalho	2º TEMPO
Leandro	Joílson (Sérgio Mota)	Vicente Romano Neto	Valdívia (PA) - 39 min
Martinez	Fábio Santos	CARTÕES AMARELOS:	
Léo Lima	Hernanes	Élder Granja e Valdívia (PA);	
Diego Souza (Wendel)	Jorge Wagner	Dagoberto, Fábio Santos, André Dias,	
Valdívia	Júnior (Hugo)	Jorge Wagner e Rogério Ceni (SP)	
Alex Mineiro (Lenny)	Dagoberto (Borges)	CARTÕES VERMELHOS:	
Kléber (Denílson)	Adriano	André Dias (SP) e Martinez (PA)	

SÃO PAULO	ATLÉTICO NACIONAL	ARBITRAGEM	SALDO
Rogério Ceni	Ospina	ÁRBITRO:	GOLS:
Alex Silva	Zuñiga	Carlos Torres	1º TEMPO
André Dias (Éder)	Díaz	AUXILIARES:	Alex Silva (SP) - 39 min
Miranda	Moreno	Manuel Bernal	2º TEMPO
Zé Luís	Martinez	Emigdio Ruíz	
Hernanes	Chara	CARTÕES AMARELOS:	
Richarlyson	Amaya	Miranda (SP) e Chara (ATL)	
Éder Luís (Fabio Santos)	Ramirez (Vélez)		
Jorge Wagner	Córdoba (Murilo)	CARTÕES VERMELHOS:	
Borges (Dagoberto)	Galván		
Adriano	Villagra (Valencia)		

NACIONAL	SÃO PAULO	ARBITRAGEM	SALDO
Viera	Rogério Ceni	ÁRBITRO:	GOLS:
Caballero	Miranda	Ruben Selman	1º TEMPO
Victorino	Alex Silva	AUXILIARES:	
Barone	Zé Luís (Fábio Santos)	Osvaldo Talamilla	2º TEMPO
Romero	Éder	Sergio Román	
Cardaccio	Hernanes	CARTÕES AMARELOS:	
Oscar Morales (Bertolo)	Richarlyson	Richarlyson e Jorge Wagner (SP);	
Arismendi	Éder Luís	Cardaccio, Caballero e Romero	
Ligüera (Vera)	Jorge Wagner (Hugo)	(NAC)	
Richard Morales	Borges	CARTÕES VERMELHOS:	
Formaroli	Adriano		

SÃO PAULO	NACIONAL	ARBITRAGEM	SALDO
Rogério Ceni	Viera	ÁRBITRO:	GOLS:
Éder	Caballero	Héctor Baldassi	1º TEMPO
Miranda	Victorino	AUXILIARES:	Adriano (SP) - 37 min
Alex Silva	Barone	Francisco Rocchio	2º TEMPO
Richarlyson	Romero	Roberto Reta	Dagoberto (SP) - 45 min
Hernanes	Cardaccio (Ligüera)	CARTÕES AMARELOS:	
Zé Luís	Oscar Morales	Zé Luís (SP);	
Hugo (Júnior)	Arismendi	Caballero e Oscar Morales (NAC)	
Éder Luís (Dagoberto)	Bertolo		
Borges (Fábio Santos)	Fornaroli	CARTÕES VERMELHOS:	
Adriano	Richard Morales (Vera)	Caballero (NAC)	

SÃO PAULO	GRÊMIO	ARBITRAGEM	SALDO
Rogério Ceni	Victor	ÁRBITRO:	GOLS:
Zé Luís	Léo	Luis Antônio Silva Santos	1º TEMPO
Alex Silva	Pereira	AUXILIARES:	
Miranda	Réver	Ediney Guerreiro Mascarenhas	2º TEMPO
Jancarlos	Paulo Sérgio	Jackson Lourenço Massara	Pereira (GR) - 5 min
Fábio Santos	Eduardo Costa	CARTÕES AMARELOS:	
Richarlyson	Rafael Carioca	Richarlyson e Rogério Ceni (SP);	
Éder Luís (Hernanes)	Roger (Makelele)	Eduardo Costa, Hélder, Perea,	
Júnior (Sérgio Mota)	Hélder	Pereira e Paulo Sérgio (GR)	
Borges	Soares (Rodrigo Mendes)	CARTÕES VERMELHOS:	
Dagoberto	Perea (Jonas)		

SÃO PAULO	FLUMINENSE	ARBITRAGEM	SALDO
Rogério Ceni	Fernando Henrique	ÁRBITRO:	GOLS:
Jancarlos	Gabriel	Óscar Ruiz	1º TEMPO
Miranda	Luiz Alberto	AUXILIARES:	Adriano (SP) - 20 min
alex Silva	Roger	Humberto Clavijo	2º TEMPO
Richarlyson	Júnio César	Rafael Rivas	
Fábio Santos	Igor	CARTÕES AMARELOS:	
Zé Luis	Arouca	Jancarlos, Dagoberto e Hernanes	
Hernanes	Cícero	(SP); Roger e Thiago Neves (FLU)	
Hugo	Thiago Neves (Dario Conta)	CARTÕES VERMELHOS:	
Dagoberto (Aloisio)	Washington		
Adriano	Dodô		

1 x 0

14/5
MORUMBI
SÃO PAULO/SP

ATLÉTICO-PR	SÃO PAULO	ARBITRAGEM	SALDO
Vinicius	Bosco	ÁRBITRO:	GOLS:
Leandro Bambu	Bruno	Djalma José Beltrami Teixeira	1º TEMPO
Danilo	Aislan	AUXILIARES:	Danilo (ATL) - 14 min
Alex Fraga	Juninho	Dibert Pedrosa Moisés	2º TEMPO
Nei	Éder	Ediney Guerreiro Mascarenhas	Éder Luis (SP) - 34 min
Valencia (Zé Antônio)	Wellington (Rafael)	CARTÕES AMARELOS:	
Alan Bahia	Joílson	Alan Bahia, Léo Medeiros e	
Netinho	Júnior	Leandro Bambu (ATL); Rafael e	
Leo Medeiros (Kaio)	Alex Cazumba	Juninho (SP)	
Pedro Oldoni (Rogerinho)	Éder Luís (Sérgio Mota)	CARTÕES VERMELHOS:	
Marcelo Ramos	Borges	Aislan (SP)	

1 x 1

18/5
PARQUE CENTRAL
MONTEVIDÉU-URU

FLUMINENSE	SÃO PAULO	ARBITRAGEM	SALDO
Fernando Henrique	Rogério Ceni	ÁRBITRO:	GOLS:
Gabriel	Jancarlos (Joílson)	Carlos Amarilla	1º TEMPO
Thiago Silva	Miranda	AUXILIARES:	Washington (FLU) - 13 min
Luiz Alberto	Alex Silva	Manuel Bernal	2º TEMPO
Júnior César	Richarlyson	Tiburcio Gauto	Adriano (SP) - 26 min
Igor (Mauricio)	Fábio Santos	CARTÕES AMARELOS:	Dodô (FLU) - 28 min
Arouca (Dodô)	Zé Luis	Dagoberto e Joílson (SP); Luiz Alberto (FLU)	Washington (FLU) - 46 min
Thiago Neves	Hernanes		
Cicero	Hugo		
Conca	Dagoberto (Aloisio)	CARTÕES VERMELHOS:	
Washington	Adriano	Joílson (SP)	

3 x 1

21/5
MARACANÃ
RIO DE JANEIRO-RJ

FOTO: Gabriel Nóbrega

ALIMENTE A FOME DE VENCER DA SUA EQUIPE.

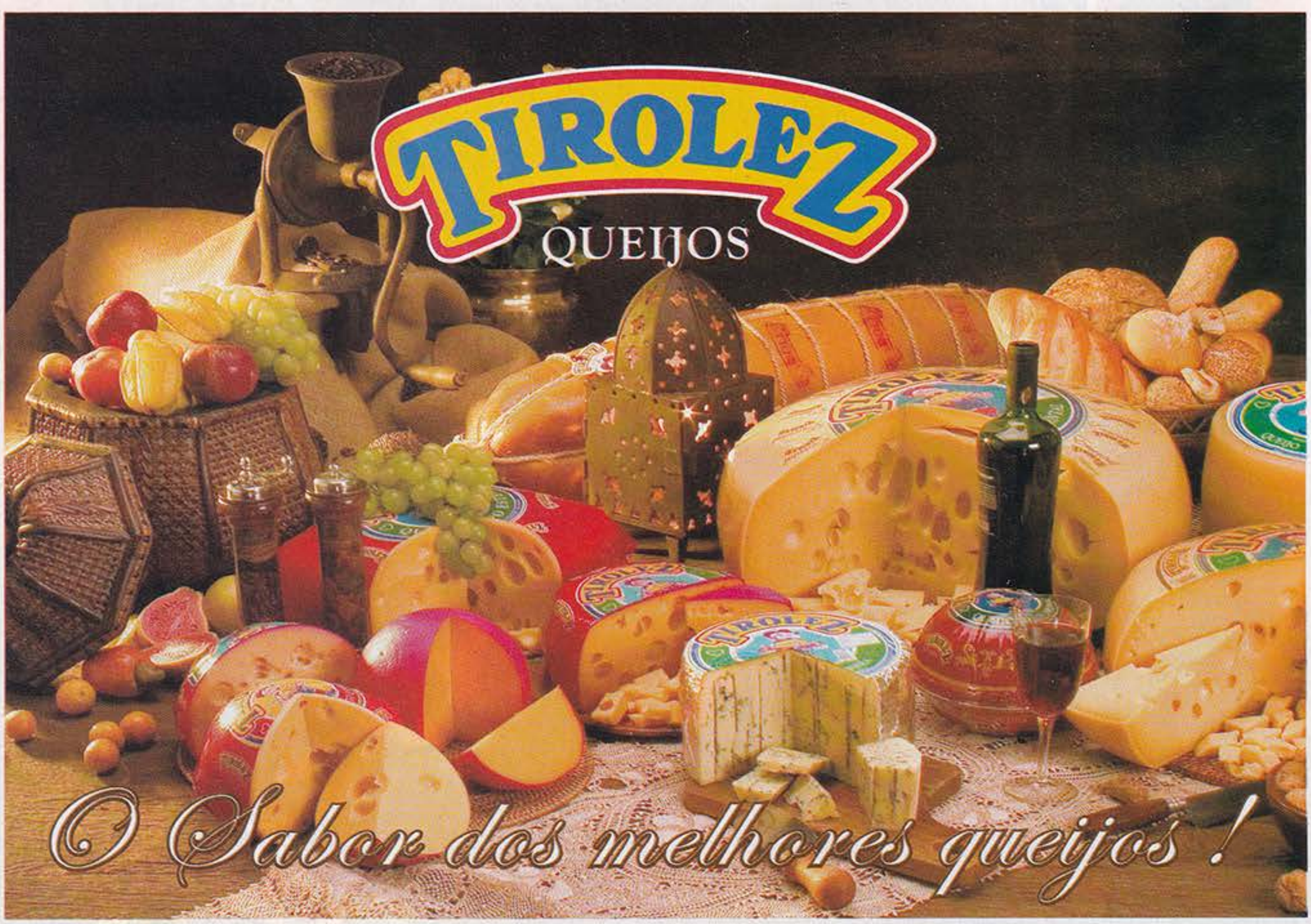
- Rigoroso controle de qualidade • Taylor-made
- Jogos impressos no interior da caixa • Qualidade Inmetro
- Composições pré-montadas com brindes para as crianças.

Retire sua cesta na nossa fábrica
ou escolha uma das modalidades de entrega.

Consulte nossas promoções.
Ligue (11) 4613-2400 e comprove:
Estes benefícios você só encontra nas cestas NOSTRA MAMMA.
www.nostramamma.com.br

Aceitamos VISA

NOSTRA MAMMA
Mais que cestas de alimentos, benefícios especiais.



PAINEL DO TORCEDOR

Nesta seção, caro leitor, você terá sempre um espaço reservado para falar diretamente com os jogadores do São Paulo. É só mandar seu e-mail para: revista@saopaulofc.net ou sua carta para:

PANINI BRASIL
(a/c.: Vilson Manfrinati)
Alameda Juari, 560
Centro Empresarial Tamboré
CEP: 06460-090 – Barueri – SP – Brasil

Sou muito fã do Dagoberto, que é um gato. Percebi que no Brasileirão ele está usando a camisa 25, em vez da 11 e queria saber por quê?

Renata Medeiros, de São Paulo

Dagoberto: *(Risos) Foi a Thayna (primeira filha do jogador, de três meses de idade) que pediu. Mas falando sério: a 25 deu sorte no ano passado, quando fomos campeões brasileiros, então acho que ela pode ser útil novamente.*

Queria saber o que passou pela cabeça do Éder Luís quando ele conseguiu marcar seu primeiro gol pelo nosso querido Tricolor?

Daniel Batista de Oliveira, do Guarujá (SP)

Éder Luís: *Passa um monte de coisa e a sensação de marcar é muito boa (ele fez o gol do 1 a 1 contra o Atlético-PR). Já estava procurando isso há algum tempo e posso dizer que me sinto bem como atacante. Também gostei daquele jogo porque descobri que a base do São Paulo tem grandes talentos e está de parabéns.*

O Brasileirão mal começou e já tem juiz passando a mão no São Paulo. Por isso, minha pergunta é: a diretoria não vai tomar providências contra o juiz que apitou nosso jogo contra o Atlético-PR?

Marcos du Bocage, de Londrina (PR)

João Paulo de Jesus Lopes (assessor da presidência): *Tomaremos as medidas cabíveis para que o senhor Djalma Beltrami seja punido. Nosso time deveria ter saído vencedor do jogo, mas houve erros em lances capitais. Não podemos admitir coisas assim. O impedimento que marcaram, e que impediu a confirmação de um pênalti, não foi um erro milimétrico. O nosso jogador estava mais de um metro atrás dos marcadores e ele deu impedimento.*

Como o Adriano costuma gastar o tempo quando não está jogando e nem está na concentração?

Paulo Tanaka, de Suzano (SP)

Adriano: *Aqui no São Paulo reaprendi a importância de descansar nos momentos de folga. Isso faz diferença quando você entra em campo. Ultimamente, tenho ficado bastante em casa, tentando manter a tranqüilidade, curtindo a família, dormindo... Já saí bastante, bebia, voltava para casa de madrugada. Agora estou em outro pique.*

Antes de perguntar, gostaria de dizer que tenho umas 20 camisas do Rogério Ceni e o acho o melhor do mundo. Bom, também tenho a curiosidade de saber o que faz o São Paulo ser tão bom na Libertadores?

William dos Santos Silva, de Tatuí (SP)

Rogério Ceni: *O São Paulo tem as particularidades da Libertadores. É um clube que tem o brilho desta competição e que sabe disputá-la. Podem reparar que à medida que a Libertadores avança de fase, a equipe vai ganhando força. Sem contar que a torcida também cresce demais.*

Flávia de Souza Mendes e seu namorado Gabriel na festa do penta brasileiro

Neto Damião, de Presidente Prudente (SP)

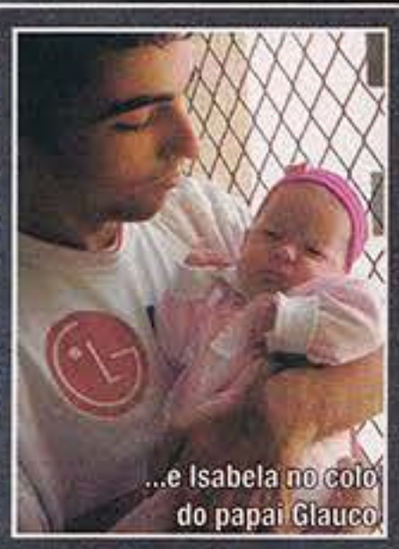
Antonio Carlos e sua esposa Patrícia Regina, de Olímpia (SP)

Fernando e Andréia com seus filhos Pablo e Maria Clara

A nova são-paulina Fernandinha

Luiz Claudio Luquini, de Poços de Caldas (MG)

Os gêmeos Matheus no colo da mamãe Andrea...


...e Isabela no colo do papai Glauco

Daniel Novaes, de Campo Grande (MS)

Ronaldo e Rafael, de Ribeirão Preto (SP)

O pequeno tricolor Miguel Palhares

Rogério de Moura Cunha, de Curitiba (PR)

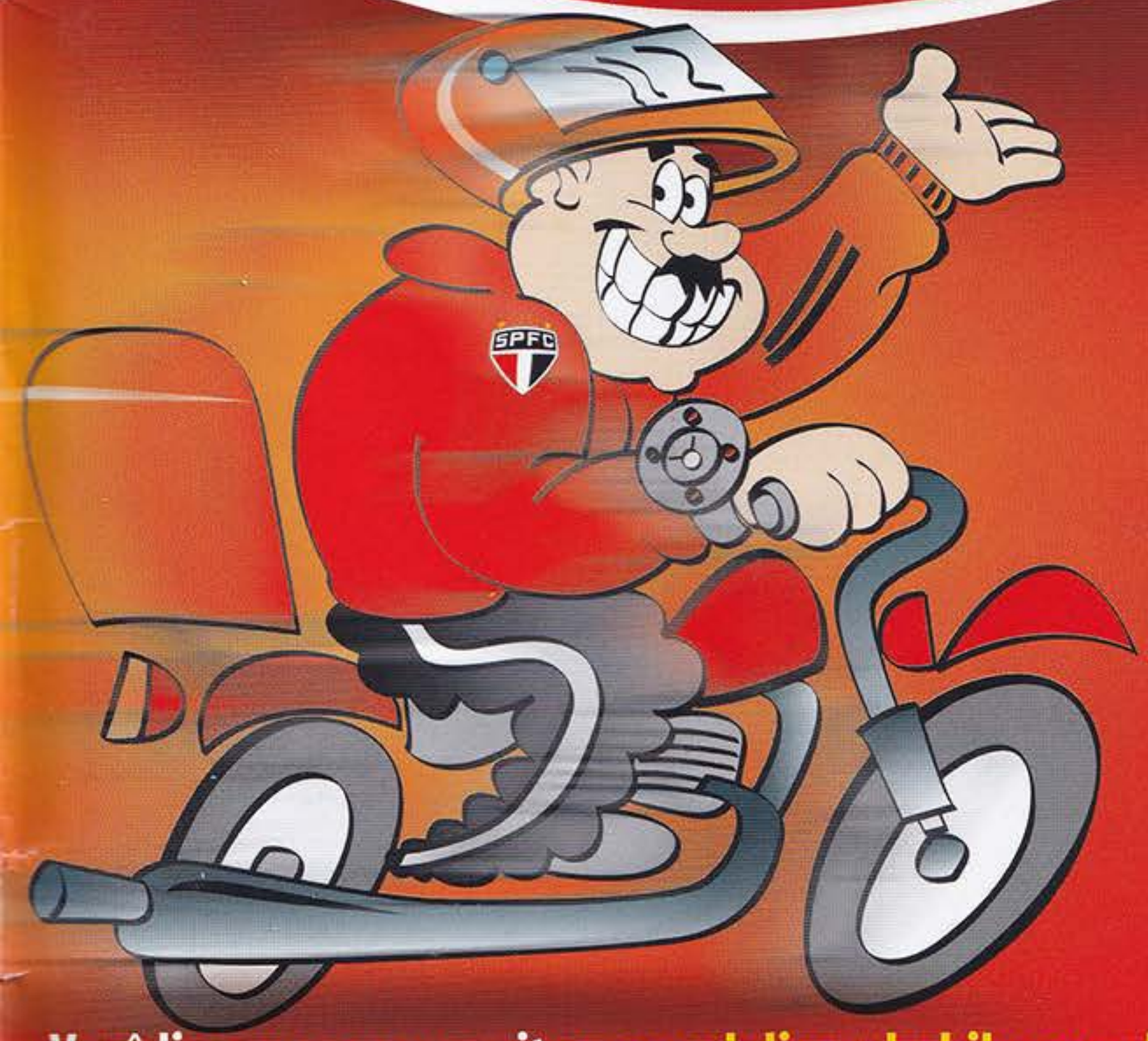
Danilo Dias dos Santos no Morumbi

Letícia Basilio Bordinasso, de cinco meses

Heloisa Souza de Lima, de 6 meses

SPFC
SPFC
HEAD

DELIVERY HABIB'S em 28 min.



Você liga ou acessa o site www.deliveryhabibs.com.br, faz seu pedido e recebe em, no máximo, 28 minutos. Se demorar mais que isso, você não paga nada.

5696 2828

Consulte taxa e área de entrega. Confira regulamento completo do Delivery no site www.deliveryhabibs.com.br

HABIB'S

Muito mais por você.

Nova Linha DTV LG.
A mais completa linha de televisores digitais.

Conversor digital integrado • 32 a 60 polegadas

10 modelos LCD e Plasma • Reconhece sinal digital e analógico

LG

Life's Good

www.lge.com.br

Para obter a máxima qualidade de imagem sem distorção é necessário sinal digital de alta qualidade em formato widescreen. O uso de equipamentos em potência superior a 85 (oitenta e cinco) decibéis pode prejudicar a audição. A qualidade e o formato do sinal digital podem variar de acordo com a transmissão do programa pela emissora. Imagens reproduzidas no ponto-de-venda são meramente ilustrativas e visam representar a melhor qualidade de sinal High Definition (HD) e em formato 16:9. Alguns produtos ainda não estão disponíveis para a venda. Fotos ilustrativas. SAC: 4004 5400 para capitais e regiões metropolitanas e 0800 707 5454 para demais localidades.

PRODUZIDO NO PÓLO INDUSTRIAL DE MANAUS
COMPROMISSO COM A AMAZÔNIA

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

2024

ONDE A MOEDA CAI DE PÉ